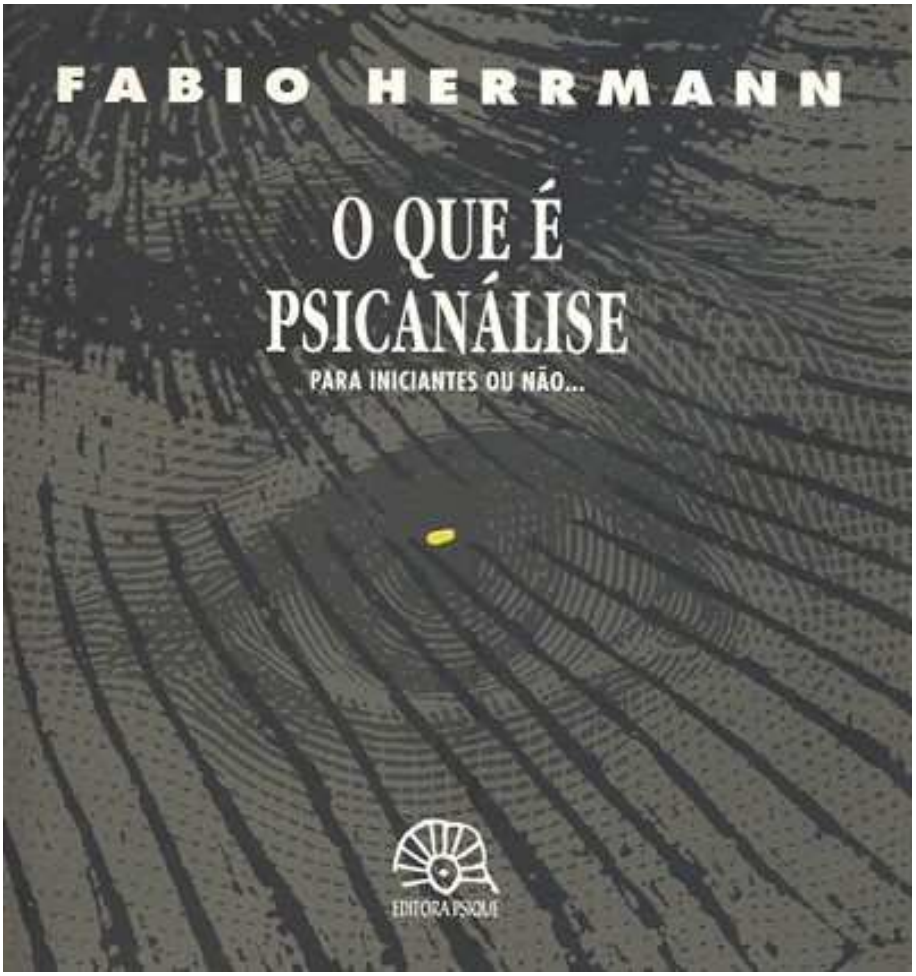


Editora Brasiliense – São Paulo

Este livro foi digitalizado sem fins comerciais para uso exclusivo de pessoas com deficiência que necessitem de leitores de tela para aceder ao seu conteúdo, não devendo ser distribuído com outra finalidade, mesmo de forma gratuita.

1 - O MOMENTO DA PSICANÁLISE

Os seres humanos são pessoas muito estranhas e até absurdas. Se você já o percebeu, acho que andou a terça parte do caminho para se tornar psicanalista. O segundo terço do caminho consiste em aprender algumas coisas: o método, a teoria e a técnica psicanalíticos, de que lhe vou falar um ‘pouco neste livrinho. Quanto à última e mais difícil etapa, que é a de você mesmo descobrir que é também uma pessoa estranha e absurda, isto é, que é um ser humano, lamento não poder ajudá-lo a percorrer, pelo menos escrevendo: talvez fosse preciso fazer análise.

Todavia, como estava dizendo, os homens são pessoas estranhas e absurdas. Enquanto outros bichos têm relativamente pouco trabalho em construir sua residência, porque parecem satisfeitos com o mundo que encontram — o que os cientistas chamam “sistemas ecológicos” —, os homens têm passado seu tempo tentando construir uma casa para si, gastando nisso um trabalho insano, sem nunca ficarem contentes com o resultado. Construíram instrumentos de osso e de eletricidade; domesticaram as plantas, os primos animais e até seu próprio pensamento selvagem; edificaram cidades, sistemas filosóficos, ciência e tecnologia. Tudo fizeram para ter um mundo sob medida, quer dizer, um mundo na medida humana.

Mas não desprezemos os homens por causa disso. Coitados, eles talvez não tivessem outro jeito de sobreviver! Em primeiro lugar, quando os bebês humanos nascem e por longo tempo depois são muito indefesos e incapazes para a vida: não conseguem comida sozinhos, não sabem defender-se do frio, queimam-se com a própria urina etc. Logo, era mesmo necessário viver em grupo, construir abrigos e um sistema social. Por outro lado, os homens divertem-se demais com os próprios pensamentos. São os únicos bichos, ao que se sabe, tão estúpidos que podem ficar imaginando e esquecer-se de comer; e, o que é pior, quando pequeninos e famintos, parece que conseguem ficar sonhando que estão a comer e contentar-se algum tempo com isso — coisa a que os psicanalistas chamam “satisfação alucinatória do desejo”. Alguns talvez até morram de fome, sonhando, sonhando. Por fim, enquanto os animais ferozes quase nunca matam os de sua espécie — “inibição da agressividade intra-específica”, é como os estudiosos do comportamento animal (ou etólogos) chamam a essa prova elementar de sensatez —, os homens chegam a gostar de fazê-lo. Para sobreviver, então, ou pelo menos para se poderem dominar e matar civilizadamente, foi preciso que os homens domesticassem a natureza.

Por que, entretanto, esse trabalho não tem fim e nem é considerado satisfatório? Bem, se você pertence a uma família mais ou menos rica, provavelmente já mudou de casa algumas vezes. De cada vez, a casa era perfeita, não é verdade? — construída sob medida para o desejo de sua família, com tantos quartos, garagens e televisões quantos bastassem para fazê-los felizes —, porém, quando lá moravam, descobriam que ainda não estavam satisfeitos nem felizes. Aí mudavam, reformavam a casa ou compravam um videocassete; e, insatisfeitos ainda, tornam a mudar ou instalam uma mesa completa de som. Se esta é sua história habitacional, não se culpe, nem a seu pai: culpe a casa, e estará bem integrado com o resto da humanidade.

É que a casa que construíram, como a grande casa que a humanidade vem construindo para si, representa bem demais a realização de seu desejo. Ora, o problema é que nós não desejamos o que queremos, nem tampouco ficamos satisfeitos de encontrar o que desejamos. Na verdade, nós, humanos, não sabemos bem o que desejamos.

Veja um exemplo. Antes de mais nada, nós somos aquilo que desejamos ser. É fácil entender, já que desejo é o nome daquilo que faz com que a gente pense, faça, seja. Ele parece vir de dentro da alma, mas é criado na vida social e biológica, de sorte que se pode dizer até que “somos desejados” desta ou daquela maneira. Somos desejados ativos ou entediados, cruéis ou compassivos, apavorados ou distraídos. Aliás, a humanidade deseja-se como é; e, dizia, constrói-se e constrói o seu mundo de acordo com tal desejo. Só que não acredita que, de fato, se tenha desejado como é. Assim, tendo transformado o mundo a fim de lhe servir de casa, acha que não está ainda bem feito, que sobram muitas coisas desumanas a humanizar.

O céu é muito alto, o tempo é longo demais, as guerras muito freqüentes. Ora, se o tempo e o espaço são infinitos demais, é que os homens têm em si uma aspiração em desacordo com seu tamanho e duração de vida. Quanto às guerras, quem as faz?

Numa palavra, ao domesticar o mundo, os homens irritam-se ao ver que construíram uma casa que os retrata maravilhosamente bem, que exprime seu desejo, tanto naquilo que gostam, como naquilo que odeiam — a esta última parte de seu desejo chamam desumana, dizem que não é deles, que é um resto que deve ainda ser dominado.

Talvez por esta última razão, a construção do mundo humano se tenha ultrapassado. Você já viu alguém fazer uma lição com má vontade, pensando que quer realmente fazê-la bem. Aparecem erros a cada linha,

manchas de tinta, lapsos de português, e o estudante começa a escrever adoidado, obsessivamente, errando e copiando errado. Assim, a espécie humana adquiriu uma estranha obsessão de domesticar, familiarizar, educar. Se seus pais o educaram assim, você provavelmente será exatamente como eles o desejaram; e, no entanto, tanto eles como você mesmo terão a impressão de que tudo saiu às avessas, pela simples razão que ambos ignoram boa parte do modelo que foi impresso e não o reconhecem depois de pronto. Domesticar significa adaptar às normas da casa (que em latim se diz domus); familiarizar significa tornar algo familiar, como que "da família". Mas, como os homens negam-se a admitir grande parte de seu desejo, quanto mais doméstico e familiar vai ficando o mundo que constroem, mais estranho e desumano lhes parece. Desumano, que calúnia!

Sucedeu então que este grande projeto de construir um mundo à medida humana, que é o de todas as culturas, acelerou-se subitamente e estreitou-se. Uma das maneiras de realizá-lo parece dominar todas as outras; e, não tendo contra quem competir, pôs-se a tentar ser mais veloz que a própria sombra. Nem é preciso dizer que a maneira dominante é a civilização tecnológica, a qual se vale de uma racionalidade exacerbada, de cálculo, medida, das Ciências Naturais, tendo a Física por modelo. Quanto à sombra, é o que veremos mais adiante.

Por enquanto, basta observar que o mundo onde vivemos, sobretudo nas grandes cidades, tornou-se tão construído, tão fabricado, que uma crise muito curiosa se desencadeou. As pessoas começaram aos poucos a duvidar de que o lugar onde vivem seja mesmo real. Antes, quando o contato com a natureza era mais estreito, nos tempos em que qualquer criança podia ver, digamos, ordenhar uma vaca, a sensação de realidade vinha diretamente desse tipo de experiência: podia-se dizer real como uma pedra ou como uma árvore... De repente, contudo, os fatos começam a vir pelos jornais, depois pela televisão, e você tem de se perguntar, a cada momento, se o que ouve e vê é assim mesmo, se é uma interpretação ou se é uma tentativa de enganá-lo. Quer dizer, a realidade começou a perder confiabilidade.

As máquinas funcionam hoje quase como gente, as pessoas quase como máquinas. A cada ação que você pretende executar, fica sempre a dúvida se não está servindo a um propósito que ignora e que talvez ache abominável. Se você quer ser original, se quer recusar tudo o que está por aí, acabará provavelmente descobrindo que faz parte duma indústria da originalidade, usando um uniforme de original.

Pois bem, a ruptura com a natureza e a fabricação excessiva da nossa vida cotidiana constituem exatamente o êxito completo da construção da casa dos homens. Mas o homem mesmo não se sente à vontade na casa que criou. Esse retrato que vê no seu mundo parece-lhe absurdo. Ele se pergunta: “Sou assim?”. E responde: “Claro que não; é que falta dominar, organizar e calcular uma última coisa, a mente humana”.

Veja que estranho. A loucura do nosso mundo é simplesmente o resultado da maneira pela qual o construímos. Porém, preferimos dizer que essa espécie de sombra, a irracionalidade das relações entre os homens e a irrealidade do mundo cotidiano, é produto de outra coisa, não da razão, mas da falta de razão, da loucura. Assim, lá pelos fins do século passado, fez-se um grande esforço para compreender a loucura para medi-la, para dividi-la em tipos e explicá-la cientificamente.

No começo isso não deu muito resultado.É verdade que surgiu uma classificação das doenças mentais que até hoje é bastante útil. Mas, em matéria de cura, pouco avanço houve. Principalmente, a loucura do dia-a-dia permanecia inexplicável e intratável.

E foi assim que nasceu a Psicanálise. As Ciências Exatas tiveram de pedir ajuda a uma espécie de primo pobre: a interpretação. Só a interpretação era capaz de abarcar os sonhos, as emoções, a loucura etc. Até aí, tudo bem. Entretanto, ao procurar elucidar a loucura — domínio que se lhe havia concedido —, o método interpretativo acabou tendo de ir mais longe, por descobrir que aquilo que não parecia ser loucura, a vida comum, não era também muito diferente. Posta em movimento, a interpretação não se soube deter, nem é bom que se detenha, como veremos no próximo capítulo, que trata do método interpretativo da Psicanálise.

Tudo se passa como numa história de fadas, quando depois de chegar ao limite da pobreza a princesa recebe o príncipe e o reino, ou quando depois de gozar da maior felicidade, ao abusar um pouquinho mais da sorte, um homem se desgraça. Vamos chamar a isto “princípio do absurdo”: quando algo chega ao limite e ultrapassa-o, transforma-se em seu contrário. Em nosso caso, o projeto de tornar bem racionais todas as coisas, quando pretendeu dominar uma franjinha que faltava, a loucura, criou um instrumento capaz de entender e curar a loucura, é certo, mas que, junto com ela, entende e mostra irracionalidade e loucura onde não se suspeitava que houvesse. A história das idéias é assim: irônica e, às vezes, vingativa. Vingança foi fazer ver ao homem que, no desconhecimento de seu próprio desejo, criava o que queria e o que não queria, sendo portanto absurdo para si mesmo. E isto quando ele pretendia erradicar os restinhos de

absurdo e loucura de seu mundo.

Aliás, a atmosfera de Conto de fada não pára aí. Só nas histórias infantis é que uma pessoa isolada inventa algo que modifica o mundo, e o faz quase sozinho. Nossa ciência infelizmente sugere que o impossível aconteceu. Com efeito, Freud, praticamente só, inventou um método para interpretar o lado irracional, ou melhor, o lado da mente que obedece a regras duma racionalidade diferente daquela da consciência. Digo infelizmente, porque isso aumenta muito a dificuldade que temos, os psicanalistas, de continuar e, eventualmente, vir a superar sua obra. Penso que os grandes psicanalistas estão, quase sempre, começando de novo.

É claro que Freud não estava interessado originalmente, em denunciar toda a loucura da crise do real de que há pouco eu falava. Como um médico honesto, ele queria curar doenças. Foi assim que se dedicou a tratar doentes histéricos — pessoas que sofriam de ataques de angústia, de paralisias ou dores sem causa orgânica (física) e outros sintomas parecidos. Pode-se dizer que, ao tentar fazê-lo, foi como se puxasse o gatilho do "princípio do absurdo", pois dos sintomas histéricos teve de passar aos sonhos, dos sonhos aos atos falhos — por exemplo, esses escorregões de linguagem, inoportunos, que nos fazem dizer a verdade quando não queremos — e daí à vida mental como um todo. Isso, porém veremos ao longo de nosso livrinho.

No momento, apenas desejo que você guarde a idéia central. O mundo edificado por nossa cultura humanizou-se tanto, no sentido de ser tão fabricado, que sua sombra, o lado desconhecido do desejo humano, acabou por aparecer mais do que devia, O real começou a ficar um tanto duvidoso e o homem a ver-se, malgrado seu, cada vez mais absurdo para si mesmo. Ora, se a Psicanálise foi inventada por uma pessoa chamada Freud, no fim do século, em Viena, a idéia psicanalítica — isto é, o método interpretativo — não foi inventada por ninguém. Ela era a resposta certa para o problema da loucura de nosso tempo. Por assim dizer, quando o momento estava maduro, saiu do lugar onde esta guardada, no grande depósito das idéias que não são dominantes numa dada época, para vir a habitar a ciência que Freud fundou. Sua missão, portanto é apresentar ao homem o absurdo que o constitui e, se possível, ajudá-lo a reconciliar-se com ele, com o absurdo, e consigo mesmo.

2 - O MÉTODO DA PSICANÁLISE

O que é que um psicanalista faz? Ele aplica o método psicanalítico. Talvez esteja tratando um paciente, talvez um grupo de pessoas, uma família, uma comunidade. Talvez não esteja tratando ninguém, mas tentando interpretar

algum acontecimento. Desde uma notícia de jornal, até, por exemplo, a curiosa tendência atual a desmantelar a casa humana, que se revela no acúmulo de armas atômicas ou na proliferação dos atentados. Pode querer compreender o sentido de um palavrão, de uma piada ou de uma grande obra de arte. O que ele estuda não é tão importante — desde que seja um fenômeno humano —, é importante sim, para saber se é um psicanalista, que esteja interpretando psicanaliticamente, quer dizer, que empregue o seu método próprio.

Na verdade, como Freud mesmo escreveu, o termo “psicanálise” tem três sentidos: é o método interpretativo, mas significa também uma forma de tratamento psicológico (ou psicoterapia analítica) e igualmente é o nome do conhecimento que o método produz (ou teoria psicanalítica). Um pouquinho confuso, não? Bem, para evitar a confusão, e como o método vem primeiro e é o essencial, costumo escrever o nome do método e o da ciência inteira com letra inicial maiúscula, “Psicanálise”; e, com minúscula inicial, “psicanálise”, grafo o nome da terapia, disto que o analista faz em seu consultório. Então, a ciência e seu método chamam-se “Psicanálise”, a terapia denomina-se “psicanálise”, ou simplesmente “análise”

— quanto à teoria, não há problemas, sempre dizemos “teoria psicanalítica”.

Para que você entenda o que é o método psicanalítico, vou usar agora, como exemplo, a terapia analítica, e tudo ficará claro. Verá que entenderemos a Psicanálise através da psicanálise.

Suponha, por conseguinte, que você se converteu em analista — por artes mágicas ou depois de uns 15 anos de estudo. Você estará decentemente trajado, sentado numa confortável poltrona, em um consultório de bom gosto, tendo à frente, deitado no divã, um cliente que o freqüenta algumas vezes por semana. Isso, pelo menos, é o comum. Todavia, não é impensável que estivesse nu, no meio do mato, com seu paciente trepado no galho da árvore a seu lado, se as condições sociais fossem outras. Dou-lhe essa imagem alternativa, não porque tenha algo contra roupas e consultórios, porém para que compreenda a diferença entre moldura e quadro, O divã, a freqüência das sessões, o pagamento etc. emolduram a análise, servem só para sustentar e delimitar aquilo que se faz. Aliás, como com o quadro que você tem na sala, é bom que a moldura não seja tão pesada e rococó a ponto de embaralhar a cena retratada. (Você já reparou como, nos jornais e nas discussões públicas, quase que somente se fala das correntes, associações e brigas entre psicanalistas? Pois este é um exemplo da moldura atrapalhando a visão do quadro, porque, afinal, isso tudo não é realmente importante.)

Digamos, porém, que você esteja sentado na poltrona e o paciente deitado à sua frente. Ele estará falando...

As palavras são traiçoeiras. Quando falamos, dizemos o que queremos dizer, porém, ao mesmo tempo, dizemos também muitas outras coisas de que nem suspeitávamos. Mesmo se alguém diz algo tão simples como “está chovendo”, refere-se a um estado do tempo, mas comunica simultaneamente uma porção de outras coisas. Falará com agrado ou com raiva, e saberemos já se tinha ou não certo projeto que a chuva atrapalhou. “Está chovendo” pode ser um convite a que permaneçamos aconchegados num abrigo, talvez contenha a idéia de uma espécie de vitalidade tal qual a da terra bem regada etc. O que é garantido, no entanto, é que “está chovendo” não significa apenas que está chovendo. Há sempre, no mínimo, o fato de que isso foi dito para uma outra pessoa e com alguma intenção conhecida — com alguma intenção conhecida e com várias intenções mal conhecidas.

Na verdade, são tantos os sentidos simultâneos das nossas palavras, que seria virtualmente impossível uma conversa civilizada caso não se reduzissem tais sentidos a alguns poucos. Quero dizer que é necessário um acordo tácito entre as pessoas que se comunicam, a fim de limitar drasticamente a abrangência do que se diz. É como se combinássemos: não vamos prestar atenção a, digamos, 99% dos significados possíveis do que estamos dizendo, para que o resto possa ser bem entendido. Em particular, na vida cotidiana, procuramos diligentemente ignorar tudo aquilo que, nos ditos, refere-se ao interlocutor e não ao referente externo; isto é, no “está chovendo”, procuramos esquecer todo o conjunto de insinuações acerca de nossa convivência (do tipo, “chove, portanto fiquemos aconchegados no quentinho”), e nos concentramos no estado do tempo, o referente externo deste caso (isto é, “chove, portanto não faz sol”).

A tão violenta redução costumo chamar “redução consensual dos sentidos do discurso”, porque é fruto de um acordo ou consenso entre as pessoas que se comunicam, ou chamo-lhe “rotina”. Esta é uma grande tarefa, importantíssima e difícil. Sem ela, não se poderia conversar, está visto.

Você já observou a confusão que se cria numa discussão acalorada, quando, de repente, parece que ninguém fala mais a mesma língua do outro. A cada momento é preciso explicar: “Não foi isso que eu disse, não foi isso que eu quis dizer, eu quis dizer só que... “. Dá-se simplesmente que, por causa da animosidade dos espíritos, perdeu-se um pouquinho do acordo consensual, foi violado o acordo sobre o tema, por exemplo, e alargou-se um bocadinho o sentido permissível das palavras.

Ora, se você está sentado detrás de seu paciente, escutando-o, talvez pense que deva descobrir sentidos muito complicados, “psicanalíticos”, no que ele diz. É um engano. Para fazer análise, basta que consiga ouvi-lo de maneira que se vá suprimindo aos poucos a redução consensual ou rotina. Isto se consegue assim: seu paciente conta-lhe algo do que fez ontem, depois comenta um detalhe novo do consultório, faz uma piada, tosse, lembra-se de um sonho etc. Se você fosse uma pessoa bem educada, numa situação cotidiana, interessar-se-ia polidamente por cada assunto em separado, responderia, riria com ele. . . e perderia o sentido de conjunto. Fazer análise é uma espécie de falta de educação sistemática. Atrás do paciente, você estará calado, procurando juntar os pedaços da conversa, sem se deter no que, de hábito, significaria

mudança de assunto. Ao contrário, prestará a máxima atenção às mudanças de assuntos, perguntando-se: “Se se trata de um só assunto, qual é ele e que se diz agora a respeito?”. Em outras palavras, você eliminou uma referência consensual importantíssima, aquela que afirma que cada dito tem de ser entendido no assunto a que o interlocutor se pretende ater. Como um chato que é, você se pergunta: “Casa, mais consultório, mais piada, mais sonho, o que tudo junto me comunica agora? O que quer dizer?”, ainda que o paciente não o queira dizer, conscientemente.

Quando, pois, você descobrir um sentido geral, da forma que mencionei, e comunicá-lo a seu paciente, ele se surpreenderá muito. É plausível que afirme nunca ter pensado nisso e que certa mente não foi o que quis dizer. Talvez então você sorria com superioridade, porém não se esqueça de que ele tem razão: com certeza não pensara e menos ainda quisera dizer o que estava contido em suas palavras — você é que o ouviu fora da rotina.

Alguns nomes mais. Desculpe, mas é importante saber nomear o que se passa na análise, se quer vir a ser analista e poder conversar acerca de seu trabalho. A esse tipo de atenção um pouco extravagante, que viola todas as regras da boa educação cotidiana, Freud chamava “atenção flutuante”. Esse termo você já conhece, não é mesmo?

A comunicação feita ao paciente, que serve para romper os limites do assuntos que ele pensava poder tratar em separado, chama-se interpretação psicanalítica. Outro nome conhecido. Finalmente, àquilo que dá sentido ao que se diz e que o limita (“está chovendo” que faz referir-se a um estado do tempo e não, por exemplo, a um estado da relação entre duas pessoas) chamaremos “um campo da comunicação” ou simplesmente “campo”. Portanto, ao interpretar, o que você fez, essencialmente foi quebrar os limites que a rotina o dia a dia impusera aos significados do

paciente; isto é: você produziu uma “ruptura de campo”.

Considero o efeito de ruptura de campo o processo fundamental do método psicanalítico, tanto no que diz respeito à produção de conhecimentos, como no que concerne à produção da cura. Costuma-se crer que a interpretação psicanalítica mostra ao paciente um tipo especial de sentido, através de suas associações, das idéias que nos comunica: os remanescentes da sexualidade infantil, os processos de recalcamento e outros conteúdos semelhantes, que através deste livrinho iremos discutindo, Isto é certo, de algum modo. Esses esquemas interpretativos constituem a teoria Psicanalítica, a qual norteia as interpretações. Semelhantemente, há normas para bem interpretar; condições de tempo propícias, ordem precisa em que certas emoções podem ser patenteadas, formas preferenciais para a formulação de interpretações etc. Em conjunto, constituem a técnica psicanalítica. Teoria e técnica juntas ensinam, pois, como fazer bem a análise; não explicam, entretanto, o que vem a ser a interpretação em si mesma — isto é, que ato é este, a interpretação, que pode eventualmente ser bem ou mal feito.

Uma coisa é saber que jogo estamos jogando; outra é saber jogá-lo bem. No momento, estou apenas querendo ensinar-lhe a essência do jogo, que é, penso, a operação de ruptura de campo.

Quando você escutou seu paciente dessa maneira estranha, desrespeitando os limites dos assuntos que ele pensava abordar, e comunicou-lhe um sentido geral que ele não sabia reconhecer nas próprias palavras, o resultado terá sido, é provável, bastante surpreendente. O cliente talvez reclame de não ter sido compreendido, ao mesmo tempo em que experimentará uma sensação algo vaga de que o que você lhe disse tem tudo a ver com ele.

E há algo ainda pior — ou melhor, quem sabe. É que, dos sentidos outros que suas palavras contêm, os quais se cancelam geralmente no cotidiano, você terá selecionado expressamente aqueles que definem a relação que os dois mantêm no momento.É possível fazê-lo porque tudo o que dizemos e pensamos sempre nos define; o que nos é alheio, em algum momento, não é pensável sequer. Assim, você estará procurando o sentido geral, incluído despercebidamente no discurso (nas palavras do paciente), que mostra quem é ele nesse momento, e em particular como é ele na relação com você. Por fim, como este “ser na relação” apóia-se com força sobre um estado afetivo, numa emoção, você terá descoberto para ele como é que se sente, sem o saber, em relação a você. É concebível — brinquemos um pouco do jogo analítico — que ao constatar a chuva seu paciente esteja a

lhe propor que você é algo assim como uma nuvem, chovendo sobre ele, que, na horizontal, se faz de terra, fertilizando-o, mas fazendo brotar lembranças irritantes de humilhações infantis. Estranho?

Estranhíssimo. E, no entanto, se a interpretação tiver sido bem feita, se a compreensão tiver sido cuidadosa, tal sentido estará de fato contido nos ditos do paciente (a que chamamos “material”). Assim, ser-lhe-á difícil negar pura e simplesmente que a interpretação tinha razão de ser.

Os muitos sentidos das palavras humanas, se tomados em conjunto, poderiam levar-nos para quase qualquer lugar. Sucede, porém, que durante uma sessão eles se cruzam e descruzam, determinando pontos de convergência ou nós, para onde se encaminham porções consideráveis dos sentidos marginais do discurso. A essas malhas damos o nome de fantasias. Seguimo-las através dos fios, interpretamo-las ao reconhecê-las, produzindo uma sensação de ter completado algo que faltava, para uma inteligência diversa do material, que inclui agora seu “sentido geral inconsciente”.

Então, o paciente já não sabe, momentaneamente, o que está fazendo com você. Pensava estar contando coisas importantes, e, de chofre, ouve que está a ser chovido! Como isso parece-lhe tão estranho quanto bem encaixado, perde os limites dos assuntos de que pensava tratar, percebe-se diferente, não um relator de idéias, mas um não-sei-quê apto a ser fecundado. Sente-se estranho, sem saber o que pensar. Na verdade, diria, sem saber como fazer para pensar, porque o pensamento cotidiano respeita cuidadosamente os limites dos temas, dos assuntos; quer dizer, apóia-se em campos bem definidos, como os pés sobre tapetes. E se lhe retirou, com uma interpretação, o tapete debaixo dos pés do espírito.

Nesse estado de confusão, aparece algo que, de hábito, está bem coberto. Aparece aquilo que faz com que alguém, o paciente no caso, pense, sinta e faça o que faz, e que ele crê ser sua vontade soberana. Puro engano. Esses sentidos estranhos, como o de ser chovido, impulsionam nossa mente sem que nos possamos dar conta; manifestam aquilo que denominamos “desejo”. É o desejo que produz nossas emoções. É ele uma espécie de matriz, que permite e obriga alguém a possuir certo repertório de emoções e não outras quaisquer. O analista, interpretando, vai formando, junto com seu paciente, o esboço lento do desenho de seu desejo. Fundamentalmente, por romper o campo da rotina e assim propiciar um espaço em que o desejo se pode mostrar, ainda que de forma indireta.

Tudo se passa como naquele jogo em que se coloca um papel de seda sobre uma moeda. Risca-se e, devagar, vai aparecendo a efígie da moeda

no papel superposto. Tal qual a moeda, o desejo não é visível diretamente — adiante saber-se-á que ele é inconsciente, e poderemos discutir o que isto quer dizer. Seu desenho aparece, não obstante, nas sucessivas interpretações, pois, de tanto desenhar como é o paciente em relação a você, surgirá a forma que seu desejo adquire em relação a qualquer outra figura. Tal tipo de escuta, que apreende o paciente em relação a seu analista, responde também a um nome bastante conhecido: transferência. Transferência, como a da moeda para a superfície do papel, entendeu? Caso não tenha ficado claro, sugiro que experimente, mas primeiro com a moeda e o papel; ou na situação analítica, tendo a você mesmo como paciente e alguém mais experimentado a fazer de analista.

Nesse jogo é preciso algum cuidado, uma vez que o desejo, que vai mostrando sua face, é aquele absurdo a que antes eu me referia. O sentimento de ser absurdo — chovido, por exemplo — mexe com toda a constituição psíquica do sujeito.

É uma coisa séria realmente, é o lado que determina o que somos, mas desconhecemos. Sentir-se absurdo é muito parecido com estar louco. Na verdade, sentir-se absurdo sem propósito e sem a expectativa de voltar a recuperar o sentido de si mesmo pode levar à loucura. Na análise, o sentido de absurdo é provisório, o paciente recupera a si mesmo depois, tendo incluído na consciência de si algumas auto-representações de que antes não dispunha. Por tal razão, e porque pretende curar-se de sintomas — isto é, para tratar-se e conhecer-se —, ele pode tolerar o absurdo provisório, na expectativa de reencontrar-se ampliado. Mas, no trânsito duma representação de si mesmo para outra (na “expectativa de trânsito”), a consciência em condição de análise experimenta uma séria angústia, uma impressão de se desagregar, de não saber o que é, ou de não ser nada. Recomendo que comece com moedas e um pedaço de papel...

3 - O INCONSCIENTE

Não lhe quero mostrar como os conceitos foram criados ao longo da história da Psicanálise. Para isso, há bons textos, começando pelos de Freud e seguindo com a introdução de quase qualquer livro sobre a Psicanálise. Prefiro, ao contrário, deixar-lhe clara a maneira pela qual os conceitos psicanalíticos são criados constantemente pela aplicação do método, estudado no capítulo anterior. Para tanto há uma forte razão. É que o sentido de um conceito teórico está dado, em grande parte, por sua produção: a teoria significa o processo que a cria e a utilização que se lhe dá. Lendo este capítulo sobre o inconsciente, tenha isso em mente.

Vejamos. Quando um analista produziu inúmeras situações de ruptura de campo com seu cliente, foram surgindo aspectos diferentes do desejo.

Esquemas emocionais — como o de ser chovido —, se comparados uns aos outros, vão devagar compondo um desenho característico. Em primeiro lugar, tal desenho é próprio desse paciente, em particular. A forma especial que alguém tem de gostar, por exemplo, repete-se tanto nos grandes amores, como nas pequeninas amizades. Mas, por outro lado, como nosso repertório não é tão vasto, a forma de gostar é também, um pouco mais abstratamente, a forma de detestar, de brincar, de comer. Homens meticulosos amam, odeiam, brincam ou comem por partes, organizadamente odiando cada pormenor de quem os ofendeu, saboreando cada mordia, mastigando cada pormenor. São pessoas que dizem: “E além de tudo, ele ainda por cima me fez isso” — e tal regra emocional vale para qualidades de sentimentos diversos, da partida de futebol ao banheiro.

Ora, o repertório humano é mesmo bastante limitado. Justamente quando cremos ser mais originais, mais repetimos certas formas de ser que nos igualam a grupos inteiros de pessoas; dá-se apenas que o ignoramos cuidadosamente. Por causa disso, depois de interpretar vários materiais diversos, de vários pacientes, descobrimos que, no plano do desejo, há similitudes de esquemas que se repetem com notável regularidade. E estes dizem respeito precisamente aos aspectos mais fundamentais dos sentimentos humanos, de suas ações e pensamentos. À constância de certas formas do desenho do desejo humano corresponde então uma formulação geral que os psicanalistas podem fazer, referindo-se a tipos de emoção, a tipos de pacientes, ou às pessoas todas. Chamamos a isso: teoria psicanalítica.

Agora podemos entender melhor algo que talvez o preocupasse no capítulo anterior. Você se perguntava: se as palavras podem ter tantos sentidos diversos, bastará mostrar qualquer um deles, dizer qualquer coisa? Na verdade, não. Há um guia para as interpretações psicanalíticas, guia que procede do próprio produto das interpretações anteriores. Quer se trate do desenho deste paciente em particular, quer saibamos de antemão certas características teóricas próprias desse tipo de emoção que experimenta ou do tipo de pessoa que é, sempre estaremos em busca de decifrar algo mais ou menos determinado: queremos completar o desenho do desejo.

A esta altura você talvez se esteja perguntando:

“Essas regras que compõem o desenho do desejo e que vão orientando o trabalho de decifração psicanalítica, compreendo que estejam na cabeça do analista, mas não estarão também na psique do paciente?”. Tem razão,

estão sim. Estão, no sentido de limite; isto é, da mesma forma que uma máquina de estampar tecidos só produz certo tipo de desenho, há uma matriz para nossas emoções, a que chamamos desejo, que nos limita a cumprir com certas regras emocionais. Há, de fato, uma espécie de lógica das emoções humanas bem diversa daquela que as pessoas usam para explicar os motivos de suas ações. Aliás, nada há de tão cuidadosamente ignorado como o lugar de onde provêm tais regras limitantes; e você já deve ter desconfiado que tal lugar é o inconsciente.

Que significa haver o inconsciente? Em primeiro lugar, exatamente aquilo que eu dizia no começo: uma certa forma de descobrir sentidos, típica da interpretação psicanalítica. Ou seja, tendo descoberto uma espécie de ordem nas emoções das pessoas, os psicanalistas afirmam que há um lugar hipotético donde elas provêm. É como se supuséssemos que existe um lugar na mente das pessoas que funciona à semelhança da interpretação que fazemos; só que ao contrário: lá se cifra o que aqui decifamos.

Veja os sonhos, por exemplo. Dormindo, produzimos estranhas histórias que parecem fazer sentido sem que saibamos qual. Chegamos a pensar que nos anunciam o futuro, simplesmente porque parecem anunciar algo, querer comunicar algum sentido Freud tratando dos sonhos, partia do princípio de que eles diziam algo e com bastante sentido. Não, Porém, o futuro. Decidiu interpretá-los. Sua técnica interpretativa era mais ou menos assim. Tomava as várias partes de um sonho, seu ou alheio, e fazia com que o sonhador associasse idéias e lembranças a cada uma delas. Foi possível descobrir assim que os sonhos diziam respeito, em parte, aos acontecimentos do dia anterior, embora se relacionassem também com modos de ser infantis do sujeito.

Igualmente, ele descobriu algumas regras da lógica das emoções que produz os sonhos. Vejamos as mais conhecidas. Com freqüência, uma figura que aparece nos sonhos, uma pessoa, uma situação, representa várias figuras fundidas, significa isso e aquilo ao mesmo tempo. Chama-se este processo condensação, e ele explica o porquê de qualquer interpretação ser sempre muito mais extensa do que o sonho interpretado. Outro processo, chamado deslocamento, é o dar o sonho uma importância emocional maior a certos elementos que, quando da interpretação, se revelarão secundários, negando-se àqueles que se mostrarão, realmente importantes. Um detalhezinho do sonho aparece, na interpretação, como o elo fundamental. Digamos que o sonho, como um estudante desatento, coloca erradamente o acento tônico (emocional, é claro), criando um drama diverso do que deveria narrar; como se dissesse. Ésquilo por esquilo... Um terceiro processo de formação do sonho consiste em que tudo é

representado por meio de símbolos e, um quarto, reside na forma final do sonho que, ao contrário da interpretação, não é uma história contada com palavras, porém uma cena visual.

Essas e outras propriedades da linguagem onírica (Onírico = do sonho) constituem os mecanismos de formação dos sonhos. Mas — preste atenção! — como conhecemos tais mecanismos? Do conjunto de associações que partem do sonho, o intérprete retira um sentido que lhe parece razoável. Para Freud, e para nós, todo sonho é uma tentativa de realização do desejo. A interpretação, por conseguinte, mostrará uma história que contém um anseio satisfeito; tal como: “Eu queria ter isto ou fazer aquilo”, “A culpa do que fiz não é minha”, “Isto realmente não aconteceu”, “Vejo-me assim” etc. A história reconstruída pela interpretação chama-se “conteúdo latente do sonho”, em oposição àquilo que o sonho efetivamente mostra, que é seu “conteúdo manifesto”.

Os mecanismos oníricos, portanto, são a medida da transformação de um texto em outro, são o que traduz o conteúdo latente em conteúdo manifesto. Uma charada, onde certas regras lógicas permitem transformar uma frase noutra, cujo sentido é obscuro, até que o charadista a mate. Pois, bem, como na charada, os mecanismos para criá-la não são outra coisa senão o inverso daqueles que usamos para resolvê-la. Se nós fizemos associações ramificadas a partir de cada elemento do sonho, é natural que cada figura possa condensar várias figuras, tantas pelo menos quantas tivermos associado. Se descobrimos assim um outro valor afetivo para o sonho, segue-se que o conteúdo manifesto acentuou diferentemente — em relação ao conteúdo latente — tais valores, realizou “deslocamentos”. Se cremos ter encontrado o sentido verdadeiro do sonho, este o exibia falso, ou simbólico. Se, por fim, ao interpretá-lo, transformamos a linguagem visual do sonho em palavras, só nos resta dizer que o sonho havia transformado as palavras do conteúdo latente nas imagens do conteúdo manifesto. Simples, não é? O inverso do processo interpretativo, o caminho de ida, se a fosse o de volta, atribui-se ao inconsciente — são os processos psicoprimários, por oposição aos da consciência, os processos psicossecundários.

Será tudo apenas um brinquedo, uma charada que se inventa para resolver? Não, por certo; e já veremos por quê. Apenas você deve compreender que o inconsciente psicanalítico não é uma coisa embutida no fundo da cabeça dos homens, uma fonte de motivos que explicam o que de outra forma ficaria pouco razoável — como o medo de baratas ou a necessidade de autopunição. Inconsciente é o nome que se dá a um sistema lógico que, por necessidade teórica, supomos que opere na mente das pessoas, sem, no entanto afirmar que, em si mesmo, seja assim ou

assado. Dele só sabemos pela interpretação.

Todavia, se não é por puro amor à charada, para que servem os disfarces do sonho? Os psicanalistas pensam que têm bastante utilidade. Teoricamente, supomos que haja uma série de forças impulsionando a vida mental. Em que forma existem, não se sabe ao certo. Porém, imaginamos que sejam forças que operam de permeio entre o físico e o psíquico. (Não é dizer muito, sei, mas é o máximo a que podemos chegar...) Essas forças ou pulsões representam as necessidades do organismo humano e de seu psiquismo, tais como fome, sexo, curiosidade (diga “epistemofilia”, se quiser surpreender os seus amigos com uma palavra difícil, que significa “adição ao conhecimento” ou “curiosidade de saber”)etc.

Dessas pulsões quase nada sabemos, são hipóteses teóricas. Entretanto, elas se fazem representar na vida mental por uma espécie de corpo diplomático — os representantes psíquicos da pulsão

— que induz a psique a satisfazê-las. Eu posso não saber exatamente o que é a fome fisiológica, mas sei bem o que significa sentir fome.

Ora, pois; se eu sinto fome durante o sono, é possível que acorde, o que viria prejudicar outra necessidade, a de repouso; então sonho que como e me engano por algum tempo. Pode suceder, não obstante, que me ocorra um desejo menos aceitável, como o de redecorar a sala de visita de casa com uma pintura de fezes. Não se espante, as criancinhas têm vontades desse tipo, e infelizmente as realizam, se não houver quem lhas impeça. Desejos de tal monta, contrários frontalmente às aquisições duma boa educação, feririam os pudores da consciência — além de ferirem outros sentidos que não o estético —; têm de ser disfarçados, há uma censura interna que lhes proíbe o acesso à consciência.

De forma análoga são censurados certos desejos sexuais, agressivos e outros. Muito daquilo que nossa vida infantil permitia, na fase adulta já não pode mais nem ser pensado, ou porque viole as normas de socialização, ou porque contraria outros impulsos mais importantes. Seria ótimo viver de brisa, a preguiça o diga, mas as necessidades de manutenção pessoal ficariam muito contrariadas com tal regime.

Para conjugar tendências tão opostas, a psique lança mão de um truque. De um fado, ela não permite que cheguem a ser representadas cons cientemente as pulsões muito contrárias ao conjunto da vida mental duma fase qualquer da vida. Não se representam, porém nem por isso desaparecem — em alguma parte do coração temos sempre 20 anos, em outras partes, 5 ou 6 meses de idade. À proibição de se representar conscientemente uma pulsão denomina-se repressão: se ela é muito

completa, recalcamento. A repressão, portanto, impede que a idéia (ou representação) dum impulso aceda à consciência; contudo, o prazer ou o desprazer ligado à representação não dá para sufocar. Os afetos passam. Só que passam — e aí está o truque — disfarçados, ligados a outra representação ou idéia, simbolizados. Daí a utilidade dos processos de formação do sonho, segundo Freud, pois despertaríamos desgostosos caso tivéssemos contato com as idéias originais.

Os sonhos, os atos falhos (a que já me referi), os sintomas neuróticos (que veremos à frente) funcionam pois como válvulas de escape para o reprimido. Mais do que isso. São verdadeiras obras de arte, fundindo, numa mesma idéia, pulsões obstadas e a censura que as proíbe. Como se os sonhos dissessem: “Quero isto, mas isto não é isto, nem sou eu que o quero... “. Cuidado, pois, ao negar de muitas maneiras diferentes a mesma coisa!

Vamos rever esse esquema teórico. Há pulsões (ou impulsos). Alguns deles não se podem realizar, nem se representam conscientemente, pois contrariam o equilíbrio da vida mental, gerando desprazer. Já que a mente tende ao prazer, a idéia que os representa é recalcada. Como o afeto não o pode ser, este aparece, mas disfarçado, como se se manifestasse em outra idéia. Esparramar as fezes pela sala é incompatível com uma pessoa bem educada; pintar um quadro — por mais feio que seja, cheira menos mal — é compatível, é até meritório. Modificou-se o fim do impulso, transformado em algo mais elevado culturalmente, mais sublime: denomina-se isto “sublimação”. Ou então, o impulso aparece menos disfarçado — todavia disfarçado ainda — num sonho, num ato falho, num sintoma. Entendeu?

Decerto só ficamos sabendo de tudo isso através de interpretações. Logo, o processo de encobrimento é apenas o reverso do processo de interpretação. O inconsciente, por assim dizer, é uma interpretação ao contrário.

Ora, se alguma coisa parece irracional, depois de interpretada, ela fica bem explicável. Se alguém teme um bichinho inofensivo, sempre se pode dizer que este, o bichinho, representa impulsos autodestrutivos inconscientes. E os impulsos autodestrutivos, é justo temê-los. Será certo pensar assim? Bom, não muito. Senão, como se costuma dizer, Freud sempre explica. Contudo, há muitas pessoas que pensam que a Psicanálise é bem isso; e há outras pessoas que a xingam por ser desse jeito, exatamente como não é.

Pois, para a Psicanálise, tanto o que é incompreensível quanto o que é bem compreensível à luz da vida cotidiana merecem igualmente que se

interprete. As pessoas comuns costumam explicar o que fazem da seguinte maneira. Eu fiz isso assim porque tinha motivos. Se os motivos não me ocorrem, entretanto, é possível que sejam motivos desconhecidos, inconscientes, que justifiquem minhas idéias e ações. O importante, você vê, é manter a proporcionalidade entre motivo e ação. Nem que, para tanto, tenhamos de inventar motivos inconscientes ou atribuir qualidades e defeitos aos outros, como faz o homem preconceituoso. (Se você não o fez, fê-lo seu pai ou tio, ou pelo menos você poderia tê-lo feito etc.)

Nada mais diferente dessa psicologia motivacional primária do que a Psicanálise. O método psicanalítico não se vale da lógica cotidiana, da proporção entre motivo e ação. Por que só o irracional haveria de ter motivos inconscientes; e o resto? O inconsciente não é um sistema de explicações para o inexplicável, mas uma lógica diferente. Tais explicações justificam, o porquê duma idéia ou ação, quando ela já se deu: são racionalizações. A interpretação psicanalítica visa demonstrar o processo que torna possível uma idéia ou ação, a maneira pela qual nós as concebemos, a lógica da concepção. Não a lógica superficial do que já foi concebido. Lógica da concepção, lógica das emoções ou lógica inconsciente são nomes da mesma coisa: mostram o como, não se detém no porquê. Além disso, a interpretação, como já vimos, parte da noção de que há sempre inúmeros sentidos, e não um só sentido verdadeiro.

Por essa última razão, dá-se algo curioso com a teoria psicanalítica. Ela poderia explicar quase tudo, é claro. Por isso, preferimos usá-la para não explicar nada, a não ser o próprio processo de concepção. Assim, quando se usa uma teoria psicanalítica para interpretar, mesmo que seja uma teoria tão respeitável como a do complexo de Édipo, estamos sempre procurando refutá-la.

No mínimo, estamos abertos a que a prática a refute. Chamo a isso “princípio de risco” do processo interpretativo.

Aliás, se uma teoria qualquer entra no começo duma interpretação concreta — feita a um paciente, por exemplo —, é de se esperar que ela saia modificada na outra ponta da interpretação. Caso contrário, se sai igual, direi que apenas encontramos o que já tínhamos colocado, que a interpretação foi teoricamente indiferente — conquanto talvez até possa ter sido clinicamente útil. Se a teoria se modifica, se se especifica ou é corrigida, aí sim penso que se tratou duma interpretação teoricamente significativa. A teoria, por conseguinte, arrisca-se, de cada vez que a empregamos de forma legítima na prática analítica. Sempre estamos à

procura de outra coisa, de que algo novo surja. Essa possibilidade sempre presente de dissolução da teoria faz com que devamos considerar a prática psicanalítica não como conseqüência simples das nossas teorias, porém como uma atividade teórica muito perigosa e radical. Com efeito, a prática analítica é o ponto de fusão de sua própria teoria.

4 - O APARELHO PSÍQUICO

Se você entendeu o caminho ou método pelo qual o inconsciente se descobre e a utilização legítima da teoria psicanalítica, podemos passar agora ao exame das teorias do aparelho psíquico e da libido.

A Psicanálise não trata de fatos materiais, nem respeita os limites das convenções a respeito deles. Sempre que se lhe antepõe uma divisão bem estabelecida, ela deve perguntar: “Em que campo tal distinção se assenta?”. E, em seguida, experimenta rompê-lo. Poucas certezas há, que tão fortemente estejam calcadas em nosso espírito, quanto aquela da existência dos indivíduos humanos: eu, ele, você, são referências naturais de toda sentença. Pois bem, ao estudar o mais individual de todos os atributos do indivíduo, seu aparelho psíquico, é onde, precisamente, a Psicanálise ameaçará romper a unidade individual.

Pois o termo “indivíduo” não evoca indivisível, aquele que não pode ser dividido?” Mas a teoria psicanalítica do aparelho psíquico começará justamente por aí, dividindo-o e mostrando que ele não se centra onde pensava, em sua consciência. Também, e talvez até mais escandalosamente, a Psicanálise, embora comece a investigar o aparelho psíquico em pessoas distintas, confunde um pouco os limites estabelecidos, de forma que o psiquismo poderia ser também coletivo, social, ou mesmo mais abstrato. Talvez as obras humanas contenham seu próprio psiquismo, talvez sejam elas a psique humana, mais até que as pessoas isoladas.

Com efeito, uma teoria geral do aparelho psíquico, da máquina espiritual de pensar, sentir, agir, deveria principiar pela distinção, já estabelecida páginas atrás, entre lógica do concebido e lógica da concepção. Nós todos temos muitas explicações a dar sobre as razões que justificam o que fazemos e sobre a ordem que há no que pensamos; porém, nada sabemos dizer, na vida comum, a respeito das razões e ordem de concepção em si mesma; da concepção que nos faz grávidos de sentimentos, de idéias, de ações. No máximo, fazemos uma atribuição indevida, afirmando que chegamos a pensar, sentir ou agir por causa dos efeitos que visamos obter. É como dizer: meu carro anda por causa do lugar aonde quero ir — erro que recebe,

dos filósofos, o nome pomposo de falácia teleológica, isto é, engano (falácia) por confundir origem e eficiência com finalidade (teleologismo).

A razão dessa falácia é muito simples. Acontece que a lógica da concepção é inconsciente; e mais, o inconsciente psicanalítico a ela pertence. Todavia, não se pode limitá-la arbitrariamente aos indivíduos isolados: há idéias e ações sociais, há significados que abrangem toda a humanidade, há concepção nas obras mesmas, no interior delas e não só no dos seus autores.

Para compreender mais facilmente o aparelho psíquico, entretanto, comecemos com as pessoas comuns, onde tudo começa.

Há a consciência. Disso ninguém duvida, pelo menos no tocante à sua — que haja a dos outros, é sempre um problema delicado. A consciência é um desses entes difíceis de definir, mas que, por outro lado, felizmente, não requerem definição. Nós a conhecemos; ou melhor, não a conhecemos, porém tudo aquilo que conhecemos é consciência. Se você disser: “Estou sofrendo um terrível sentimento inconsciente de culpa”, desconfio que me está tentando enrolar. Como ficou sabendo disso? A percepção que temos do mundo é consciência; as lembranças, inclusive a dos sonhos e devaneios, são consciência. A memória é consciência e só há memória de fatos mentais conscientes. (Por outro lado, só há esquecimentos onde pode haver memória — o inconsciente não se lembra, nem se esquece.) Tudo o que se concebe, numa palavra, é consciência, menos o próprio processo de concepção.

Ao investigar os processos de concepção, a Psicanálise interessa-se por todos, mas centra sua atenção na questão dos conteúdos muito carregados de afeto, de prazer ou desprazer. O princípio básico do funcionamento mental, segundo Freud, é o de evitar desprazer. Nós já vimos que idéias capazes de gerar desprazer ou dor psíquica são impedidas de emergir à luz da consciência. O inconsciente, portanto, é o lugar teórico das representações recalcadas ou daquelas que nunca puderam chegar à consciência, das pulsões sem representação consciente. No inconsciente, segundo Freud, há energia pulsional livre e representações que podem ser carregadas com essa energia, provocando as maiores confusões — se, por exemplo, o ato de escrever for excessivamente carregado com libido (ou “energia sexual”), alguém poderá sentir vergonha de escrever em público como se fora um exibicionista tímido. Inconsciente é também o próprio processo de recalcamento, que impede certas idéias de emergir.

As idéias recalcadas, todavia, não ficam inertes. Sempre estão a jogar entre si, usando como moeda a energia livre do sistema inconsciente, além de

influírem no funcionamento da consciência. À medida que nossa vida consciente se desenrola, há uma espécie de entrelaçamento entre certas representações (ou idéias) e núcleos ou complexos inconscientes. Estes podem estimulá-las, inibi-las, fazê-las penosas ou agradáveis. (A propósito, “complexo”, na Psicanálise, significa simplesmente um conjunto complexo de idéias carregadas afetivamente — como se diria um “complexo industrial”. Nem tem sentido pejorativo, nem há razão para se dizer que fulano está “complexado”.) E mais, como o sistema inconsciente desconhece o tempo e o esquecimento, suas representações permanecem ativas para sempre.

Entre o inconsciente e a consciência medeia um outro sistema psíquico, que é o pré-consciente. “Pré-consciente” chama-se o lugar onde, teoricamente, estariam as representações que, não sendo conscientes, podem vir a sê-lo, bastando para isso que o sujeito se interesse por elas. É o lugar do esquecido, do guardado, daquilo que é, no máximo, um tanto incômodo, mas não demais. O processo de relegar uma idéia ao pré-consciente chama-se “repressão”; é, por assim dizer, menos “forte” que o recalcamento. A verdadeira barreira da censura está, por conseguinte, onde há o recalcamento, entre o pré-consciente e o inconsciente — pois os conteúdos do primeiro ainda mantêm acesso à consciência, acesso fácil ou mais difícil. O que lhes é essencial, porém, é que já se exprimem por palavras, enquanto que os conteúdos inconscientes encontram vedado precisamente esse passo básico para chegarem à consciência.

Um dos esquemas de funcionamento da psique, pois, conjuga esses três sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente. O modelo é simples, muitíssimo útil e prático, sobretudo quando se quer entender os diferentes tipos de lógica operantes em nossa mente. Os sistemas possuem características lógicas diversas ou, como se diz também, princípios diversos de funcionamento. A consciência toma em conta a realidade consensual, o inconsciente trabalha só de acordo com o princípio do prazer-desprazer, como uma espécie de máquina de reduzir tensões mentais, porque o excesso de tensão é experimentado como desprazer.

Porém, pese sua inegável utilidade, esse modelo é apenas isso: um modelo. Tanto é verdade, que Freud mesmo criou outro modelo do aparelho psíquico, também claro e útil. Este segundo esquema, ou segunda tópica (de topos = lugar), não se funda na disposição dos conteúdos mentais em relação à consciência, mas toma em conta as funções que a psique perfaz e as estruturas por elas responsáveis. Você talvez já conheça os nomes dessas três estruturas psíquicas: ego, id, superego.

O id — que nas palavras-cruzadas tem como conceito: “substrato instintivo da mente” — é exatamente assim: uma espécie de substrato, de onde provêm as pulsões. Seus conteúdos são os representantes psíquicos das pulsões, seja os que nunca chegaram a se tornar conscientes, seja os que foram recalcados. Dessa forma, é fácil compreender que o id é a instância original da psique. Ao nascer, o indivíduo psicológico seria, para Freud, puro id. Aos poucos, todavia, o contato com as pressões da realidade iria provocar uma espécie de organização secundária da periferia do id, fazendo que parte de tal massa indiferenciada se estruturasse — mais ou menos como a crosta dum pão que está assando. A essa casca organizada dá-se o nome de ego.

O ego é a sede de quase todas as funções mentais. Toda a consciência cabe ao ego, que se responsabiliza portanto pelo contato com o ambiente, com a realidade externa, O ego, nesse sentido, é um simples feixe de funções: percepção, atividade, juízo (ou julgamento do que é real e dos fins a perseguir) etc. etc. Mas o ego não é só consciência. Há funções inconscientes do ego, os famosos mecanismos de defesa, que serão visitados por nós quando estudarmos as neuroses. Por conseguinte, se o id é puro inconsciente, o ego liga-se estreitamente ao sistema pré-consciente-consciência, mas, como todas as boas famílias, também tem seu pé na cozinha.

A terceira instância ou estrutura psíquica, o superego, nada mais é do que uma parte bastante diferenciada do ego. Tão diferenciada, que seus interesses separam-se daqueles do ego e podem se lhes contrapor. O superego é uma espécie de censor das funções do ego, estimula o que se deve processar, proíbe o resto. Para realizar essa tarefa ingrata — ingrata para o ego —, ele se baseia nas normas morais que se fixam a partir dos primeiros anos de vida. Há uma pequena discussão, entre os psicanalistas, para saber quando exatamente se forma o superego — para nós ela não é importante, basta observar que, como seus critérios são fundados em normas muito precoces, o juízo moral do superego é freqüentemente primitivo, chocando-se com as aquisições mais elevadas do ego. É um juiz, mas não é um bom juiz. Às vezes proíbe coisas que o ego mais desenvolvido poderia fazer com perfeito sucesso, só porque não o poderia ter feito nos tempos de sua origem. O superego age como uma consciência moral e, no entanto, é fundamentalmente inconsciente e bastante imoral, eis o paradoxo.

Essas três estruturas, porém, tão esquemáticas, nem sempre se diferenciam. No funcionamento adequado do psiquismo, quando tudo vai bem, formam antes um todo harmonioso. O id supre energia pulsional, que

o ego, autorizado pelo superego, transforma em pensamentos conscientes, projetos, ações, a serviço dos fins das pulsões. É só quando eclode um conflito que se fazem realmente notar as discrepâncias entre as estruturas. Diante de uma pulsão do Id que o superego desaprova, o ego vê-se prensado entre exigências impossíveis de serem inteiramente satisfeitas. Se a pulsão é aceita, representada conscientemente e posta em ação, a condenação do superego irá se expressar sob forma de dor psíquica, angústia, sentimento de culpa. Se o acesso da pulsão é inteiramente proibido, esta continuará a insistir, a pedir passagem. Por isso, o ego acaba por barganhar: aceita parcialmente a pulsão, porém modificada, disfarçada. Trata-se de um acordo de compromisso: o superego fecha um pouco os olhos, o id cede quanto à forma, e todos ficam felizes.

Felizes? Nem tanto. Para poder impedir que uma pulsão penetre na consciência, os processos defensivos egóicos, o recalcamento em particular, necessitam usar um tanto de energia para se opor. Mas onde encontrá-la? A solução é tão elegante quanto insatisfatória. E necessário enganar o princípio do prazer, que domina o inconsciente, para dele mesmo retirar forças que se oporão à sua satisfação. Diante de uma pulsão proibida, cuja satisfação daria prazer se o superego não se opusesse, há que convencer o princípio do prazer de que sucederá dor. Para efetivar esse truque, o ego aciona uma espécie de alarma, um pequeno sinal de angústia, sempre que tal tipo de pulsão se lhe apresenta à porta. Como se dissesse ao id: veja como isso que parece bom, na verdade, dói. E o id, enganado até certo ponto, cede energias para contrariar seus próprios fins pulsionais.

Basta então ativar os mecanismos de defesa, carregados dessa energia, conseguida com um truque que envolve angústia, como se vê. No fim, portanto, todos ficam mais ou menos insatisfeitos — mas o que se há de fazer, a política mental, pelo menos, é a arte do possível.

Pois bem, definido para você o modelo estrutural — id, ego, superego — e exercitado com este exemplo de conflito padrão, ficará provavelmente a idéia de uma espécie de organograma de empresa: certos departamentos responsáveis por tais ou quais funções. Modelos são sempre ingratos, são formas muito secas de pensar. Para dissipar um pouco a impressão de esquematismo rígido, vale a pena tratar de imediato da origem dessas instâncias, em relação ao desenvolvimento da libido.

Libido, você sabe, é o nome usado por Freud para designar a energia sexual. Como podemos conhecê-la, porém, se energias mentais não são mensuráveis? A questão está longe de admitir uma resposta simples. Para

nós, entretanto, basta considerar que a sexualidade sofre transformações: o objeto de interesse sexual varia bastante ao longo da vida humana, mas também variam as maneiras pelas quais se satisfaz a sexualidade. Disso sabemos todos. E se tanto pode mudar o interesse sexual, que é que se satisfaz (ou não) em formas tão diversas? Resposta: a quantidade de energia sexual, seja lá o que isso signifique, pois satisfeita de um modo qualquer, observa-se uma diminuição da necessidade de satisfazê-la de outro. A tal constante nas mudanças Freud chamou “libido”, que é como em latim se diz desejo.

A libido, para a Psicanálise, é a energia que pode experimentar os maiores desvios e contra tempos em sua utilização; ao contrário, por exemplo, da energia ligada às pulsões alimentares. Por isso, interessa-nos mais. Não por ser a única, mas por ser a mais complicada, digamos.

Inicialmente, nos começos da vida mental, a libido aparece como um “algo a mais” ligado às funções de nutrição. O bebê que se alimenta retira do ato de sugar um prazer a mais, erótico, que se expressa no ato de chupar o dedo. Chupando o dedo não se alimenta, decerto; todavia, consegue algo assim como um suporte para suas fantasias de estar mamando — engana a fome e a si mesmo. A primeira fase da libido caracteriza-se por esse tipo peculiar de satisfação, em que o objeto sexual é ainda o próprio corpo infantil: o “auto-erotismo”.

Na fase de auto-erotismo não há objeto externo, nem há, para Freud, estruturas mentais outras que o id, esse reservatório indiferenciado de pulsões. Logo em seguida, porém, o psiquismo começa a organizar-se. Surge o ego, primeiro como um feixe embrionário de funções — tais como motilidade, percepção, juízo de realidade —, depois como uma estrutura bastante coerente. Acontece então que o próprio ego se torna objeto de libido, de interesse amoroso, o que conhecemos pelo nome tão difundido de “narcisismo”. A libido então se voltará para objetos externos de amor, primeiro para a mãe, seguindo-se depois toda a série de escolhas sexuais que veremos no próximo capítulo.

Por ora, quero apenas que você guarde a idéia de um equilíbrio, que ademais seguirá pela vida afora, entre quantidades de libido dirigidas a objetos externos de amor e quantidades voltadas para o próprio ego. Isto é normal. Uma decepção com os objetos externos, com a pessoa amada, com a profissão etc, leva ao aumento do investimento libidinal do ego; uma paixão, ao contrário, faz diminuir tal investimento, exigindo que o amor que o ego perde por si mesmo seja compensado por uma retribuição provinda do objeto. O ego, vê-se então, não é apenas um feixe de funções, um

departamento empresarial, mas, por igual, um objeto muito estranho, fonte de interesse pelo mundo e receptáculo de amor.

Dos amores do ego, o caso mais desesperançado é, sem dúvida, o superego. Pois o superego nasce (sempre para Freud) como um herdeiro da resolução do complexo de Édipo. Também isso se verá melhor no capítulo seguinte. No momento, é suficiente reter que a criança, que se resignou a não ser objeto sexual dos pais, só aceita essa desilusão ao preço de identificar-se com os aspectos mais proibitivos das figuras paternas, que se encarnam numa parte especializada do ego. Essa parte, o superego, seguirá doravante dizendo muito mais não do que sim, dando amor a troco de obediência, mesmo a exigências extremamente irracionais. Será o modelo da aceitação social, do conformismo às normas externas, à lei do castigo. Será vigilante, e como todo vigilante exigirá que se lhe engane a atenção. No conflito por causa de um impulso proibido, vimos bem como se faz para burlá-lo. Desde sua origem, as instâncias psíquicas jogarão entre si um jogo de pequenas e grandes burlas, tendo como prêmio a saúde mental: quando tudo vai bem, quase que não se distinguindo uma das outras; lutando entre si quando fracassam as tentativas do ego de harmonizar-lhes as exigências.

É preciso ter pena do ego. Ele está dividido a serviço do id, do superego e das exigências do mundo externo. É um equilibrista. No indivíduo normal ou passavelmente neurótico, contudo, sobra ao ego habilidade para jogar com as forças tão discrepantes das pulsões, da censura do superego, da realidade externa. E ainda lhe sobra habilidade para construir a vida, procriar, produzir a civilização e suas obras. Tenhamos pena do ego, mas respeitemos suas manhas.

5 - A SEXUALIDADE I

Se a libido desempenha o papel de motor de inúmeros processos psíquicos psicanaliticamente relevantes, você pode compreender facilmente como deve ser importante definir com toda a exatidão o conceito de sexualidade. Não pode ser tão estreito que não cubra todos os fenômenos correlacionados, nem há de ser tão amplo e geral que se descaracterize.

Antes da Psicanálise, considerava-se em geral a sexualidade, de forma algo restrita, como o conjunto de atos ligados à relação sexual ou coito, e em especial à reprodução. A descoberta freudiana da sexualidade infantil, a extensa teorização que dela os psicanalistas fizeram, foi o ponto de partida para um alargamento radical do conceito.

Por vezes, este se alarga demais. Pareceria que todos os sentimentos que se pudessem vincular ao amor (ou ao ódio) seriam “sexuais” pela única razão de se poder derivá-los interpretativamente de diferentes destinos do amor sexual. Simplismo, é claro. O sentido forte do alargamento da noção de sexualidade não é o de que toda a vida é um derivado da sexualidade, mas o de que toda a vida é vida sexual, no sentido estrito: isto é, todos os movimentos vitais tanto tendem à conservação do indivíduo, como comportam um quantum de satisfação erótica ou de negação dessa forma de prazer. Há libido investida em todos os atos psíquicos, de uma ou de outra forma.

Por esta razão diz-se que a mente e sua evolução individual é um processo psicossexual. Compreendê-lo fica mais fácil quando se pensa no desenvolvimento infantil.

Uma das descobertas fundamentais da Psicanálise freudiana foi a sexualidade infantil. O que Freud descobriu, de fato, foi uma linha de continuidade sexual, desde a infância até a maturidade; onde se pensava haver um aparecimento súbito, quase sem antecedentes, brusco e inesperado, durante a puberdade.

Aquela satisfação extra, que vimos ligar-se à amamentação, vai modificar-se grandemente até chegar à forma que costumamos reconhecer da sexualidade adulta. Primeiro é a fase oral. O prazer está então vinculado essencialmente à recepção dos alimentos. A atitude dominante do sujeito nessa fase consiste numa relativa passividade, como a de uma boca aberta para engolir o mundo circundante. Também não há noção que distinga o si mesmo do outro: o seio materno (ou seu substituto) é considerado como parte do sujeito infantil, tudo está para ser engolido ou, eventualmente, rejeitado.

Já com o aparecimento da dentição, há uma modificação profunda nessa atitude passiva, pois a criança adota uma postura mais agressiva: morde, mastiga, dilacera. Daí que se distinga, na fase oral, um período oral-receptivo e outro período oral-canibalístico ou sádico-oral.

Durante a fase oral, predominam sentimentos muito violentos em relação ao objeto de amor (o seio materno). Melanie Klein e sua escola estudaram profundamente essas primeiras relações de objeto. Mostraram que o seio nutriente é experimentado, pelas fantasias infantis, como o eixo de todas as bondades possíveis: é alvo de uma paixão que não encontra paralelo na vida afetiva posterior, O seio bom, como ela o chamava, tanto representa o modelo de toda boa relação subseqüente, como é também o núcleo do desenvolvimento do ego infantil. Por outro lado, e são dois os lados na

psicanálise kleiniana, a experiência de sentir fome, sem que o seio materno acorra para aplacá-la, é ódio puro, um inferno sem atenuantes. O objeto primeiro é assim louvado ou atacado ferozmente, em fantasia, sem que haja possibilidade alguma de conceber unificadamente esses dois elementos polares da vida mental — que só para o observador coincidem no seio materno.

Dominam então processos mentais bastante simples e um tanto brutais. A relação entre o bebê e o mundo dá-se principalmente através de um par de mecanismos chamados “projeção” e “introjeção”. Entende-se por projeção a tendência a atribuir certas qualidades do sujeito a seu objeto. Introjeção será o contrário, um engolir psíquico, pelo qual partes ou qualidades do objeto são internalizados pelo sujeito. O entrejogo de tais mecanismos faz com que, num dado momento, tudo o que haja de bom ou aprazível na vida mental seja propriedade do seio idealizado (muito bom), ou que, ao contrário, este se transforme em seio péssimo, com características diabólicas. O que não existe, claro está, é um seio mais ou menos. O ego infantil, por seu lado, também pode oscilar entre os mesmos extremos, bastando que se introjete um seio bom ou um seio mau. É como se houvera dois objetos e dois egos, bons e maus, irreconciliáveis. A isso chamamos “cisão”.

Naturalmente, esse modelo do pensamento infantil da fase oral, você compreende, é apenas uma tentativa de compreensão. Quais são exatamente os conteúdos mentais das criancinhas, nós não o podemos saber com certeza: os bebês não falam, e, se falassem, nós não os entenderíamos. É verossímil que as primeiras experiências mentais sejam muito fragmentárias, lampejos de consciência ainda desconectadas entre si, que só conhecem emoções extremas. Ora, uma linguagem que exprimisse tais extremos haveria de ser incompreensível para nossos hábitos adultos.

A evolução psicossexual infantil, todavia, levará a criança paulatinamente a modos mais compreensíveis de funcionamento mental. Uma aquisição importantíssima, segundo Melanie Klein, será o reconhecimento do “objeto inteiro”, vale dizer, a dura descoberta de que o seio adorado e o seio odiado são um e de’ que este é parte duma totalidade pessoal chamada mãe. Consciência penosa esta, pois que a criança capacita-se de ter atacado com ódio precisamente sua mais preciosa fonte de vida. Culpa e remorso acompanham tal fusão, que servirá de base a todas as vivências depressivas posteriores. Por isso, chama-se a esse momento “posição depressiva”. Daí para a frente, muito da nossa vida mental terá por meta consertar, reparar, proteger, aqueles bens que tememos ter destruído pelo nosso ódio. E, veja, estamos ainda tão-somente no começo do segundo

semestre de vida pós-natal.

Pelo ângulo da evolução da libido, haverá também uma modificação importante, embora um tanto mais tardia. A primazia da zona oral de satisfação, depois do primeiro ano de vida, cederá o passo lentamente para a questão do controle muscular e, especialmente, do controle das excreções anais. A fase anal é o momento da evolução infantil onde cobra importância o dar, expulsar, reter. Fezes são de início muito mais do que uma sujeira a ser escrupulosamente escondida. São presentes ou são instrumentos agressivos, projéteis perigosos. A criancinha é recompensada por evacuar em hora e local devidos, punida por não o fazer. Junto com a posição depressiva, a primazia anal introduz o drama da culpa, o esforço por um bom comportamento. O prazer de soltar e de reter, que durante a vida toda se mantém — embora não só necessariamente em relação às fezes —, já não é tão puro; acompanham-no todos os estímulos e sanções que a sociedade utiliza para promover a educação.

Aliás, a significação das fases do desenvolvimento libidinal não se esgota nesses passos primeiros de sucessivas superações. Como a vida mental é neles formada, fica sempre a marca característica das primeiras fases e de como elas foram vividas. Há prazeres orais, o comer, o fumar, o beijo; e, mais agressivamente, a mordida, o prazer de atacar, destruir, conquistar. Também o prazer de evacuar permanece representado nos atos de expulsão, tanto na doação, no presente e na produção, como na sensação de se livrar de coisas ruins e perigosas, na expulsão violenta e aliviadora que certos jogos encarnam à maravilha. A vida econômica, por exemplo, quanto tem de avidez, de domínio, de satisfação em reter...

Com efeito, são mais que restos o que sobra das fases iniciais do desenvolvimento da libido. Sobra a forma mesma de nossa vida adulta, o caráter. Você já ouviu falar seguramente de fixação e regressão; agora, poderá compreendê-las. Cada estágio do crescimento infantil, cada fase, apenas pode ser superada, se o prazer que nela se obtinha for obtido na fase ulterior, conquanto em forma diversa. Quando há problemas mais graves, se, por exemplo há muita frustração da oralidade ou exigência extrema na educação para a higiene anal, o acesso à fase seguinte estará comprometido. A criança então passará a repetir a última forma libidinal que lhe proporcionou adequada satisfação. É como se ficasse em parte lá, onde foi bom. Chama-se a isso: um ponto de fixação. Se porventura ocorre mais tarde na vida uma insatisfação maior com as circunstâncias reais, o sujeito tentará a tornar aos padrões que lhe foram satisfatórios, isto é, regridirá aos pontos de fixação já marcados.

O selo dos pontos de fixação fica visível no caráter do indivíduo. O caráter oral receptivo alia uma certa passividade ao desejo perene de receber, como se o mundo sempre lhe estivesse a dever as primeiras satisfações. No caráter oral sádico, há uma constante voracidade agressiva, insaciável, sempre atacando para conseguir, mas destruindo ou desaproveitando o que consegue. A primeira fase anal, onde o prazer expulsivo domina, leva a um caráter especialmente violento, que despreza o outro, que tende a expulsar de si todos os aborrecimentos, intolerante a frustrações e a limites. A marca da fase anal-retentiva, a segunda, é ao contrário uma espécie de cautela excessiva, timidez, respeitoso temor por ordens e hierarquia, meticulosidade exagerada.

Dito assim, parecerá talvez que se trate de doenças. Não. São feitios de caráter normais, ou quase, onde os desvalores apontados comportam igualmente certas boas qualidades. Ser cordato ou empreendedor, ser agressivo ou meticuloso, quando não se está nos extremos, pode apresentar utilidade para a vida pessoal e social.

O importante é, porém, que você note como as fases do desenvolvimento da libido não são realmente abandonadas. Superação, nesse caso, significa apenas integração. É como se para construir uma figura começássemos com um lado, a fase oral, juntando-lhe outro depois, sendo o ângulo formado a fase anal. Se agora juntarmos um terceiro, teremos um triângulo, representando a fase fálica, que veremos em seguida. Nessa analogia, a vida psicossexual dos adultos representar-se-ia por uma pirâmide de base triangular. Isto é, passamos dum segmento a um ângulo, deste a uma figura plana e a um sólido tridimensional. Houve integração numa estrutura de ordem superior; não abolição da estrutura anterior. Compreendeu?

Esse quadro dos começos da sexualidade na criança hoje nos parece mais ou menos comum. Não era assim, porém, quando Freud o expôs pela primeira vez, no começo do século. Foi um tremendo escândalo. E se as fases oral e anal escandalizaram nossos avós, que dizer da fase fálica? Pois a fase fálica já é “sexual”, mesmo para o mais obtuso. Nela, por volta dos 3 aos 5 anos, o interesse erótico concentra-se nos órgãos genitais: no pênis, no menino, na vulva, clitóris e vagina, na menina. E há masturbação, assim como fantasias sexuais com pessoas reais. Escândalo puro, já se vê, para uma sociedade que cria nascer o sexo apenas na puberdade, e olhe lá.

Os objetos de amor, agora, como todos sabem, são os pais. Se o primeiro objeto externo é sempre a mãe, na fase oral, agora será o genitor de sexo oposto ao da criança, geralmente. O menino anseia por possuir

sexualmente a mãe, a menina o pai, e ambos consideram o genitor de mesmo sexo como um rival perigoso. Odeiam-no. E aqui surge o problema; também o amam carinhosamente, pelo que dele recebem de afeição e cuidados. A ambivalência, ódio e amor simultâneos, é o grande problema da fase fálica.

Essa relação triangular, carregada de ciúmes, conhece-se como “Complexo de Édipo” — nome daquele rei mítico de Tebas, que, tendo matado o pai, sem o saber, acabou desposando a própria mãe.

Acresce ao drama da criança edipiana, além da ambivalência, o fato óbvio de sua incapacidade efetiva para concretizar uma relação sexual. Pobre pequeno com sonhos tão ambiciosos! Sente que sua incapacidade provém da proibição dos pais, sente cada punição como um castigo pelos desejos proibidos, como castração, numa palavra. As fantasias edipianas dão culpa, os limites e frustrações impostos pelos pais parecem castigos por tais culpas. Por fim, vence o desejo de paz. A criança aceita renunciar ao objeto de amor sexual, por medo da rivalidade poderosa do genitor de mesmo sexo, e pelo repúdio que experimenta de seu amado.

O menino, por temer a perda do precioso órgão genital, que cada reprovação ou castigo parece ameaçar, concorda, digamos, em ser provisoriamente castrado, isto é, em renunciar ao uso do pênis por um certo tempo. Em troca, não pretendendo permanecer em luta com o pai, trata de imitá-lo, identifica-se com as qualidades do pai castrador, torna-se um homenzinho.

Com a menina dá-se algo mais complicado, em teoria. Primeiro, seu amor inicial pela mãe, a primeira a prodigalizar-lhe satisfações genitais, durante os cuidados de higiene corporal, tem de mudar de direção. Provavelmente isso se consegue por uma decepção prévia. A menina, que constata as diferenças sexuais com um irmão ou amiguinho, estabelece uma teoria infantil, segundo a qual falta-lhe esse órgão tão valorizado, o pênis, não por não o ter, mas porque o perdeu ou ainda não se ter desenvolvido. Responsabiliza a mãe por tão desagradável condição, rompe com ela, e passa a dirigir seu amor ao pai. Por isso, costumamos dizer que o menino sai do complexo de Édipo através da castração, enquanto a menininha pela castração nele penetra.

De qualquer modo, em ambos os sexos, há uma aceitação forçada da castração e renúncia provisória da satisfação genital, que permite voltar o interesse mental para atividades outras, como o brinquedo e o estudo, no período conhecido como de latência.

Em ambos os sexos, também, a fase fálica (de falo = pênis) é riquíssima em

fantasias, ocorrendo curiosas teorias a respeito da sexualidade e reprodução. As teorias infantis postulam que os bebês nascem pelo ânus, como as fezes, imaginam castrações fantásticas, onde um simples corte no dedo, uma extração de amídalas etc, têm sentido muito agourento. Com base nessas fantasias edipianas é que se estabelecerão os tipos de objeto de amor da vida adulta. Representarão os pais; porém, de maneira mais ou menos disfarçada, não raro recaindo a escolha em figuras francamente opostas aos primeiros objetos de amor. O temor à castração pode ser tão terrível, aliás, que um menino talvez renuncie precipitadamente ao genitor de sexo oposto, oferecendo-se, por medo, àquele de mesmo sexo como objeto de amor. Não me castre, não me mate, mas ame-me, que me ofereço, seria a forma do Édipo invertido, fundamento de quadros posteriores de homossexualismo.

O mecanismo dominante na fase fálica, durante a resolução do complexo de Édipo sobretudo, é pois a repressão. Mais forte ou menos forte, será um herdeiro para toda a vida. Compreende-se então que a introjeção das proibições paternas, causa primeira da repressão, fixe-se nessa fase, e que a identificação com o genitor de mesmo sexo deixe um ideal e uma fonte de censura. Como já vimos, essa fonte de ideal e censura consolida-se numa estrutura permanente conhecida como superego.

O período de latência dura até a puberdade. Renascem aí, com violência, os interesses eróticos, já voltados entretanto para substitutos dos pais. Esta é a fase genital propriamente dita, onde muito do que importa já está determinado.

O que se disse até aqui deve ter formado em você uma idéia bastante difundida e que, justa mente, gostaria de desfazer. Talvez lhe pareça que a sexualidade segue um caminho bastante tormen toso até chegar, com sorte, ao porto seguro da genitalidade, ou normalidade sexual. um erro. Não existe tal sorte e se existisse talvez não fosse sorte. A imagem do adulto normal, que se satisfaz exclusivamente com o coito, é por si uma espécie comum de perversão. Como o adorador de objetos fetichista, de sapatos ou calcinhas, como o exibicionista ou como aquele que só encontra prazer em relações sádicas, o “supernormal”, que renuncia a tudo menos ao coito, reduz excessivamente a riqueza da relação sexual. Perversão é, na verdade, qualquer versão restritiva da sexualidade (ou do real, em sentido mais amplo). A vida sexual normal, se isso tem sentido, é uma arte prática, de fantasias vívidas, de sonhos, de jogos, difundida pelos atos todos da vida e não só os da cama, embora comportando também renúncia e sublimação.

As cenas que alimentam as fantasias sexuais vão-se acumulando no

transcorrer do desenvolvimento infantil. Fundamentais são, por exemplo, as fantasias de sedução, provindas dos primeiros contatos com a mãe. Os estímulos genitais que acompanham o trato da criança pequena marcam-na com uma intuição, talvez não de todo errônea, de ser por ela amada e desejada sexualmente, que, no futuro, será preenchida por experiências com companheiros de brinquedo e adultos. E isto é normal. Outra fantasia dominante é a de ter presenciado relações sexuais entre os pais. O isolamento em que a criança vive, quando os pais estão fechados no quarto, é vivido sexualmente, mesmo que nunca a visão do coito paterno haja ocorrido. O simples jogo da presença e ausência da mãe, na primeiríssima infância, com todo o peso da frustração que carrega, as fantasias sexuais, o desejo de ser capaz de operar magicamente o controle desse ir e vir, que foi sofrido passivamente.

Todas essas fantasias podem ter um efeito traumático, isto é, marcar, dar forma especial, conformar a um nó o desejo. Para existir o trauma não é preciso que algo terrível tenha sucedido. Ao contrário. São pequenos fatos, pequenas seduções, frustrações minúsculas que se somam e se organizam em fantasias prevalentes, diversas para cada indivíduo. Não há que tanto as temer. É falsa a imagem comum que opõe pulsão a trauma, como se a pulsão tivesse um caminho natural, que os traumas impedem ou desviam. O trauma é antes a forma da pulsão, da maneira em que um nó é apenas a ‘forma do barbante em que se deu. Caberá à análise desfazer alguns nós, é claro, mas não é sequer possível pensar o barbante pulsional sem forma alguma, mesmo que esta seja embaraçosamente nodal.

6 - A SEXUALIDADE II

Nos três últimos capítulos, tratei de resumir para você algumas das teorias psicológicas mais tradicionais, mais básicas e universalmente aceitas da Psicanálise. São instrumentos, ferramentas que todos os psicanalistas empregam para organizar teoricamente o que descobrem nas sessões.

Pensa-se geralmente que tais ou quais teorias constituem artigos de fé. Não constituem. Se, como instrumentos, deixam de ser úteis, abandonamo-las como facas embotadas ou alicates com ferrugem. Pelo menos, é o que se deveria fazer. Pois o único instrumento perene, tão duradouro ao menos como a própria Psicanálise, é seu método, tal como o estudamos no segundo capítulo, o processo mesmo pelo qual as teorias são criadas.

Para que você entenda o que é a Psicanálise, título e propósito deste opúsculo, não basta, por conseguinte, ter uma idéia vaga das teorias melhor estabelecidas; é necessário também acompanhar o processo de expansão

teórica, o caminho que leve à produção de novos interpretantes. Convido-o, pois, a brincar de teórico junto comigo, tomando por tema a psicologia dos sentimentos e como ponto de partida a própria sexualidade. Ainda que não cheguemos a grandes conclusões — o que, aliás, não se pode garantir de antemão —, ou que não depositemos confiança excessiva nos resultados, o simples percurso, o esforço de pensar teoricamente, ensinará, muito melhor do que um relato de esquemas já estabelecidos, como se fabricam os conceitos da Psicanálise.

Creio que você já percebeu, na investigação da sexualidade, quão preocupados estão os psicanalistas em determinar a seqüência que gera a sexualidade adulta, a partir de alguns poucos princípios e pulsões vigentes na primeira infância. Denomina-se genético esse ponto de vista (de gênese = origem), e já deixei dito que ele é muito útil. Em sua versão mais radical, a de Melanie Klein, basta considerar dois grandes ir afetivos inatos, ódio e amor, ou, se preferir, instinto de morte e instinto de vida. Acrescentando-lhes dois mecanismos básicos, projeção e introjeção, já temos os alicerces da vida mental rudimentar. Amor projetado dá objeto bom, reintrojetado dá um self (ou “si mesmo”) bom etc. etc. E como o bom e o mau não se misturam, de início, deles deriva-se também o mecanismo de cisão, a idealização (o muitíssimo bom, o bom demais), os temores persecutórios (do muito mau, do mau demais), e já se anuncia o drama depressivo, quando o que está ainda separado vier a se juntar etc. etc. etc.

Até aqui, tudo bem. Vamos supor, todavia, que por um motivo qualquer você não simpatiza com a idéia de instintos fundamentais e mecanismos primitivos. (Na verdade, a questão não é bem de simpatia; dá-se simplesmente que a noção de instintos primários é um tanto obscura e afirmativa demais.) Tudo estará perdido, o método não mais se poderá usar? Absolutamente. O que teremos de fazer será tomar como ponto de partida alguma tendência geral mais simpática (ou menos obscura), progredindo não tanto pelos caminhos da gênese infantil, mas pesquisando, ao contrário, a forma pela qual os sentimentos se afinam e ganham especificidade em qualquer altura da vida. Vale isso dizer que estaremos interessados em conhecer a gênese lógica, da lógica das emoções. É um caminho. Vejamos se presta.

Um sentimento básico, bastante conhecido de todos nós, é o desejo de ser inteiro, de bastar-se a si mesmo. A própria teoria do narcisismo afirma algo assim. Ademais, todos os sonhos de grandeza e imortalidade levam-nos a pensar que, no fundo, bom mesmo seria fechar-se em si mesmo, num amor autocentrado, cujo excedente apenas se pudesse esparramar pelos outros, como o dos deuses nas religiões monoteístas.

Ora, a posse integral de si próprio é infelizmente impossível — ou felizmente, caso contrário, posto que, satisfeito, cada homem seria o último homem na Terra, nem haveria obras ou civilização. Somos muito dependentes do meio e da sociedade e, além disso, não nos conseguimos conhecer diretamente: só no confronto com os outros é que sabemos de nós. Conformar-se com isso? Bem, não há outro jeito. Porém, mesmo aceitando a indispensável abertura para o outro, resta sempre um sentimento de perda, básico e inevitável, como que uma saudade de si, embora referente a um estado de posse absoluta que nunca houve ou haverá. Será irracional talvez, mas os homens são assim, nostálgicos precisamente do que tão-somente imaginaram ter possuído.

Chamemos, a esse estado de perda, “luto primordial”. Como em qualquer estado de luto, existe, pois a tendência a procurar outros objetos ou pessoas que substituam o bem perdido. Em nosso caso, sendo o bem perdido essa integridade absoluta e independente, os objetos substitutos serão nada menos que o mundo inteiro, o mundo externo, a pessoa amada, o trabalho, os amigos, o lar etc. Quer dizer que não há propriamente objetos primários, todos são objetos substitutivos, inter cambiáveis, representantes sempre do próprio sujeito. É como se, para o mundo, houvesse uma fuga constante do homem, descontente com sua incompletude.

A concepção acima, que semelha, à primeira vista, um jogo de idéias, descomprometido e brincalhão, depressa mostra, no entanto, ser mais que isso. De fato, é próprio das relações de objeto psicanalíticas, ou seja, dos vínculos emocionais com pessoas e coisas, esse caráter de fuga em direção a figuras eminentemente inter cambiáveis. Mesmo o sentimento de perder-se nas relações externas é verdadeiramente universal — demonstrá-lo, porém, seria um pouco longo. É suficiente que você reflita em como se sente um tanto vazio e ansioso por se recolher, após um período de muito contato pessoal numa festa, por exemplo. Não é raro que pessoas terminem a alegria em choro. Ou, pelo menos, pense na necessidade periódica de sono.

Se é assim, se no outro vou buscar a mim mesmo, perdido, pareceria lógico que minhas relações tendessem à fusão total. Se não me posso fundir comigo mesmo, que o faça com o outro. Isso existe, com efeito, mas decepciona. A fusão total e violenta com o outro anula-o, destrói-o e não satisfaz. É o princípio teórico do sadismo, que pretende invadir o parceiro, comê-lo ou penetrá-lo até a alma. Na prática, o sadismo é uma arte mais sutil. Se o sádico aniquila a sensibilidade do parceiro, fica com as mãos vazias. Seu intuito cumpre-se melhor parando na metade, dominando apenas na medida certa, que lhe mostre poder produzir efeitos notórios,

inegáveis, sobre a outra pessoa. Ora, quase todos os estímulos sensoriais podem ser negados ou disfarçados por quem os sofre, menos, é claro, a dor. Daí, quem sabe, a paixão toda especial que tem o sádico por infligir dor: a dor, física ou moral, sendo inegável, sustenta a ilusão de estar fundido, como uma parte ativa numa outra, feita só de passividade.

Quantas relações humanas duradouras, quantas amizades e casamentos não são mais que atos sádicos prolongados, fervendo sempre no seu próprio caldo? Enquanto o objeto de apego sádico não se deteriora, seu apelo mantém-se e mantém-se a relação. São, em geral, pequenas vitórias e pequenas concessões que a alimentam: a relação sádica raramente explode em violência.

O apelo sádico consiste numa espécie de atração dum objeto que oferece a possibilidade de ser constantemente vencido, sem se considerar derrotado de vez, sem parar de resistir e morrer. Pois bem, você já deve ter entendido que o apelo sádico constitui o mais eficiente e primário lenitivo para a perda de si mesmo (ou luto primordial). No entanto, a fuga para os objetos, ao passar pelo sadismo, por sorte não precisa aí estagnar-se. É possível que o sujeito aceite uma troca de influências, uma reciprocidade. É um acordo complicado, sem dúvida. Perco-me em você e em você me recupero, permitindo, como contrapartida, que você elabore em mim seu próprio luto. Empresto-lhe minha sensibilidade em troca da sua, os dois saímos mais ou menos satisfeitos.

Se é assim, a relação não precisa fundar-se no irrecusável (na dor), porém no interesse de conservação recíproca e no prazer. A partir desse ponto, já se deve falar de elaboração sexual da perda de si mesmo, pois a fusão, bastante equilibrada, apóia se num apelo provindo das fantasias aprazíveis. Entretanto, para que isso aconteça, será preciso antes franquear a verdadeira porta de entrada da sexualidade, que o apelo sádico constitui.

Mas reciprocidade não quer dizer necessariamente simetria. Tomemos o exemplo do voyeurismo. Considera-se o voyeurismo uma perversão — mas logo veremos o que significa tal juízo —, consistente em que o prazer se obtém principal ou unicamente pela contemplação do corpo alheio. Não é preciso, no entanto, que o voyeur se arme de binóculos ou freqüente um cabaré. A vida cotidiana oferece margem suficiente para tal tipo de prazer: assim como oferece seu complemento, no exibicionismo. É um encontro de prazeres. Fundamental, todavia, para o prazer voyeur, assim como para o exibicionismo, é a existência do quadro correto. Podemos figurá-lo materialmente como a janela do prédio fronteiro, onde uma jovem se prepara para dormir. Porém, mais geral e mais simples, serve ao voyeur e

ao exibicionista qualquer parte limitada do real que separe sua experiência da vida rotineira. Seria, isso sim, de imenso mau gosto, se a jovem, sub-repticiamente admirada, tocasse a campainha do apartamento e se oferecesse abertamente ao voyeur. O quadro do real é o fundamento de seu atrativo, convém não o esquecer.

A sexualidade, então, há de ser entendida pelas qualidades do apelo que seu objeto exerce. Trata-se, em primeiríssimo lugar, de um recorte apropriado do real, duma área bem delimitada e especial, comparável ao quadrado da janela alheia, no caso do exibicionismo-voyeurismo. Em segundo lugar, para que o apelo ganhe máxima eficiência, para que alcance o fascínio, será requerido um equilíbrio adequado dos componentes do atrativo.

E estes são dois. O fascínio obtém-se por uma adequada mistura de "mesmo" e de "outro". Explico. Para que a fuga em direção ao objeto seja satisfatória, você entende, é essencial que este, o objeto de prazer sexual, seja bastante próximo do sujeito, seja o mesmo. Pedras, nuvens, espirros, dificilmente fascinam sexualmente. Se eu devo me encontrar ali, eu que me perdi de minha inteireza, há de ser num igual, numa espécie de mim mesmo. Contudo, o sentimento de absoluta identidade e interioridade no encontro com o objeto sexual é paradoxalmente desagradável. Como se algo de interno saísse para fora, e, lá encontrado, tivesse de ser posto para dentro de novo. Imagine pôr para fora a saliva e voltar a engoli-la: é cuspo, enoja. Pois esta emoção, o nojo, representa com perfeição o sentimento que nos desperta o encontro com aquilo que é demasiadamente igual e interno.

Por outro lado, estar diante do alheio, do estranho, suscita um sentimento de parecido desagrado. Algo que semelha a forma humana, sem ter seu estofo, provoca o riso, faz-se ridículo. É a marionete, o autômato, o macaco ensinado. Estes não dão asco, são distantes, fazem rir. Ora, é justamente da adequada composição entre identidade e outridade, entre fusão e alienação, isto é, entre nojo e ridículo, que nasce o apelo mais forte da sexualidade: o fascínio.

Interessa-nos, dentro dessas especulações, pôr em relevo a impropriedade de se crer numa linha reta e ascendente de transformações, que desemboca na sexualidade adulta ou genitalidade. Não há aperfeiçoamento, não há normalidade final. Desenvolvimento há, decerto; mas não se coroa numa integração final; o estado final constrói-se a cada momento, é feito do equilíbrio de contrários, duma mistura sábia de elementos desagradáveis, como na composição de um bom coquetel ou

perfume.

Isto, quanto à composição do fascínio. Porém há mais. Até certo ponto, os esquemas emocionais, como este, do apelo sexual, independem da qualidade especial dos afetos envolvidos: a regra é mais geral do que a substância. Tomando como exemplo o fascínio — muitos outros exemplos de regras seriam utilizáveis, fiquemos neste —, sua composição explica tanto o apelo sexual, como também o apelo exercido pelos delírios, talvez a fascinação das aventuras, talvez certas propriedades do apelo artístico. Como podem ver, nossa investigação duma regra teórica leva-nos, de imediato, às portas de várias descobertas, ramifica-se inesperadamente.

Por fim, um último resultado desta investigação diz respeito à própria noção de realidade. Tradicionalmente, cremos que exista uma realidade normal, prejudicada apenas nas doenças psíquicas. Ora, a constatação de que há tão-somente quadros mais ou menos satisfatórios do real, para cada estado de emoção, põe em dúvida tal certeza do senso comum.

Com bastante certeza, temos o direito de afirmar que diversas constituições do apelo sexual — apelo sádico, voyeur, apelos homossexuais (de vários tipos), muitas formas de monogamia ou poligamia etc. etc. — exigem, para sua satisfação, quadros diferentes do real, correspondentes às fantasias dominantes em cada caso. Se a satisfação só se pode obter num quadro muito exclusivo, se o indivíduo é uma espécie de profissional altamente especializado num quadro apenas, seja este feito de sapatos à meia-luz, ou de correntes e chicotes, ou de televisão e cama, com justiça chamamo-lo perverso. Posto que a perversão é só uma versão restritiva da sexualidade, o real onde se cumpre, restrito, será o de uma perversão do real. Se há sentido em aludir à normalidade, será ela simplesmente um tipo de muitos tipos, multiplicidade e variedade de condições tidas como satisfatórias pelo sujeito dito normal.

Cada sentimento, por conseguinte, constrói uma espécie algo distinta de real. Vejamos. O real saudoso, por exemplo, é curiosamente fluido. As coisas, as pessoas, não se individualizam por completo. São como ondas os fatos, nada é inteiramente presente ou inexistente, pois há um lugar, de que o presente é só um resto, que guarda o sentido todo de ser real. A ele chamamos relicário. É uma parte pequenina do mundo, centro imaginário onde está representado o bem perdido, a situação ou pessoa amada, e que mantém a fusão do sujeito consigo mesmo. Pode ser um quarto, um panorama, uma música. O resto está ali fora, não é negado, todavia só existe como uma espécie de flutuação das ondas que provêm do relicário.

Já o real teimoso consiste numa coagulação. É duro, feito exatamente de

coisas concretas, ordenadas, porém numa seqüência lógica, em relações de causa e efeito. O real da teimosia é pura extensão. Seu centro é o teimoso, claro, mas cada elemento teima também: teima em ser só isso que é, pedra é pedra, branco é branco — ou é preto, se o teimoso assim o quer.

Não há como comparar os dois, não se fundem, nem são miscíveis. A única junção possível, mas difícil, é quando a saudade afeta a teimosia. Nesse caso ocorre algo raro e maravilhoso: o teimoso pode curar-se da própria teimosia, a teimosia sara na saudade.

Segundo o modelo que juntos desenvolvemos neste capítulo, as regras emocionais criam formas específicas do real: reais diversos de diversos apelos sexuais, real saudoso, real teimoso e inúmeros outros reais que deveriam ser descritos. A realidade, então, só se resume a ser uma espécie de redução, através da rotina, de campos muito diferentes entre si; cuja análise pode restituir sua diferença, por evidenciá-los, no processo chamado ruptura de campo.

Como você está vendo, nossa teoria, além de mostrar como se produz uma concepção psicanalítica geral, está perfeitamente de acordo com aquilo que verificáramos ser o método psicanalítico (no segundo capítulo). Sendo assim, diz-se que é uma teoria legítima, ou seja, tem propriedades que correspondem bem ao método que a criou.

Ainda que um pouco mais difícil que outros capítulos, posto que trata de coisas menos conhecidas e popularizadas, este deve ser lido e relido com cuidado, já que a única maneira de compreender a teoria psicanalítica é nós mesmos experimentarmos fazer trabalho teórico. Como qualquer jogo ou arte, a teoria da Psicanálise só se aprende fazendo.

7 - PSICOPATOLOGIA

O desenvolvimento da personalidade pode culminar em estados mentais diferentes. Vários desenlaces possíveis, predomínio maior de traços orais ou anais, diversos destinos da resolução do complexo de Édipo, múltiplas reações individuais a perdas, cabem nos limites da psicologia normal. E também existem anormalidades psíquicas, objeto de estudo da psicopatologia psicanalítica.

Existe o anormal, a doença psíquica, ou como quer que se lhe chame. No entanto, a Psicanálise renovou o sentido do patológico. Filha do princípio do absurdo, nossa ciência quer encontrar nos estados patológicos um instrumento precioso para a compreensão da vida mental, recusando, ao mesmo tempo, a estrita distinção entre normal e doentio. Daí dois exageros

de sua popularização.

Alguns popularizadores da Psicanálise anunciam, felizes, que não existe mais doença no campo psíquico — o que seria ótimo, caso os pacientes tivessem a gentileza de não mais sofrer. Outros, mais simplistas ainda, preferem esvaziar a distinção, afirmando que não há normalidade, que somos todos, no mínimo, neuróticos. Tolices. Para superar os preconceitos contra as doenças mentais, é necessário primeiro admitir sua existência, depois compreendê-las e, só por fim, traçar as linhas de continuidade com a vida comum.

As neuroses, por exemplo, existem — e doem muito. Todavia, o sintoma neurótico tem equivalentes próximos nos sonhos, nos atos falhos e no resultado de certos conflitos cotidianos mais fortes. Diferenciam as neuroses a persistência e intensidade de suas manifestações, a especificidade dos conflitos geradores Dir-se-ia que o neurótico (ou o psicótico) especializou-se num certo padrão, enquanto a normalidade é feita de variados conflitos, de inúmeras fixações parciais, de pequenos sintomas dispersos. Se, ao ler este capítulo, você se encontrar um pouquinho em cada quadro descrito, não se assuste demais: a normalidade psicológica aproximada, a que existe, é feita dum mosaico psicopatológico inespecífico.

Na raiz das neuroses encontra-se uma disposição inata pouco conhecida. As pessoas nascem diferentes, tanto no corpo como no espírito. Quanto à constituição, cremos que seja importante, mas sabemos pouco a respeito. É fato que certas crianças toleram menos as frustrações que outras; contudo, quando podemos estudá-las, já viveram, já enfrentaram um meio ambiente bastante especial e dificilmente comparável mesmo ao de seus irmãos. Pois o meio inclui precisamente os irmãos, as idéias e sentimentos que os pais têm a seu respeito e que, em parte, já derivam também da própria forma de ser da criança. O que, pois, é inato? Como descontar a complicada reciprocidade das relações afetivas nos primeiros meses de contato com os pais?

Por conseguinte, desprezando distinções impossíveis, vamos nos contentar em descrever algumas formas características de neuroses e psicoses, assinalando os tipos de conflito, os mecanismos de defesa e os sintomas mais comuns. Comecemos pela histeria.

O ponto de fixação teórico da histeria é a fase fálica. Já não se acredita que um grande trauma, isoladamente, responda pela origem das neuroses; são pequenos incidentes traumáticos, frustrações acumuladas de um mesmo tipo, que dão forma de nó aos impulsos, impedindo que se satisfaçam medianamente. Ora, o drama edipiano, carregado de ambivalência, de

experiências de incapacidade e humilhação afetiva, constitui um ponto especialmente delicado da evolução psicossexual. Não é difícil, portanto, que a criança fique emocionalmente paralisada, temendo agudamente as ameaças fantasiadas de castração, enquanto persiste em orientar seu amor e sua rivalidade para as figuras originais do conflito: pai e mãe.

Talvez não dê mostras disso. Pode mudar de assunto, por assim dizer, interessar-se normalmente pelos amiguinhos ou pela escola; porém, quando o interesse sexual recrudescer, na puberdade, enfrentará um problema complicado. Cada escolha amorosa ulterior haverá de manter o mesmo sabor incestuoso e proibido, a mesma sensação de incapacidade e ciúmes da relação fálica com os pais. Então, será preciso reprimir as pulsões sexuais, não haverá experiências novas e aprendizagem afetiva; numa palavra, a sexualidade será traduzida em desprazer e nojo. Mas a repressão não funciona totalmente. O aparecimento na consciência de impulsos sexuais toma então um caráter de angústia, como se avisasse o sujeito de que algo doloroso está por vir. E vem, pela ação condenatória do superego, que continua vendo em cada pessoa atraente uma nova versão dum genitor e age, ele mesmo, como se fora o outro.

Predomina, na histeria, o mecanismo de defesa conhecido como recalcamento. Os sintomas são, geralmente, manifestações de angústia. Há quadros em que domina uma angústia flutuante, ora mais moderada, ora mais intensa, quase sem representações que lhe indiquem a origem. Outra forma comum de sintoma de angústia são as fobias. Situações como estar encerrado em espaços limitados, um elevador, por exemplo, ou encontrar-se à beira de um lugar alto, ou em meio à multidão; pequenos animais não muito perigosos, baratas, ratos, aves; situações sociais particulares, como festas ou entrevistas; em suma, condições não especialmente graves provocam um medo extremo, insuportável, como se simbolizassem perigos internos, impulsos de autopunição suicida, fantasias violentas de penetração sexual etc. Ou a angústia manifesta-se por crises intensas, “ataques” de ansiedade em que o paciente se debate, chora e ri descontrolado, parecendo representar um grande drama afetivo, terminando numa espécie de desmaio, onde não há, entretanto, completa perda de consciência. Mas há também formas sintomáticas onde a angústia parece estar ausente. Paralisias de membros, dores ou insensibilidade localizadas, tosse, tiques etc. Sempre, porém, inexistem lesões orgânicas que justifiquem os sintomas e, o que é mais importante, os sintomas representam simbolicamente a pulsão proibida e o esforço de controlá-la. Assim, uma paralisia com contratura dum braço pode significar um impulso a se masturbar, conjuntamente com a proibição de fazê-lo: um gesto

interrompido.

É que o afeto ligado à pulsão sexual não pode ser reprimido. Reprimida a representação, o ato sexual, esse afeto extravasa-se como angústia, ou alimenta movimentos convulsivos, gestos paralisados etc. A tais manifestações somáticas, físicas, da pulsão reprimida chamamos “conversões”.

Já a neurose obsessiva é fruto de um equívoco. Sabe quando alguém se engana a respeito do fundamental, e, com a sensação de que há algo errado, fica procurando atormentadamente acertar os pormenores? Se, na avenida Paulista, ao invés de se dirigir para os lados de Perdizes, você virou o carro para o Paraíso, é provável que estranhe cada esquina e tente resolver o enigma da ordem invertida em que aparecem os prédios conhecidos. Só que o obsessivo honesto se perguntará, talvez, quem trocou as penas da perdiz pelas dos anjinhos...

Isso porque a dúvida obsessiva é uma dúvida simbólica. O ponto de fixação da neurose obsessiva localiza-se na segunda fase anal ou fase anal retentiva. Porém, aí já existe o engano básico. O candidato às obsessões chegou a penetrar na fase fálica, experimentou o complexo de Édipo; todavia, não suportando a ambivalência edipiana, regrediu imediatamente para a fase anal retentiva. Ou melhor, é como se tivesse vivido o conflito edipiano num registro anal, tentando reter tudo, principalmente os sentimentos, e provando a paixão libidinal como se fora agressividade.

O mais perigoso para ele é portanto o amor. Este sim destrói. A agressividade anal que cobre seus pensamentos também produz angústia, é fortemente proibida, porque no fundo se dirige contra os objetos mais preciosos, os pais. Medidas defensivas são empregadas contra a destrutividade, é claro. A mais comum chama-se formação reativa, mecanismo de defesa que inverte o sentido dos afetos, exagerando muito o pólo oposto ao original; isto é, o ódio do obsessivo transforma-se num cuidado extremo, num medo supercauteloso de ferir alguém. Ele se examinará dez vezes antes de dizer algo, pois pode chatear o interlocutor; o que vai torná-lo, é óbvio, muito cansativo e chato.

Sobretudo, há que se acautelar contra a perigosa descoberta do amor. Há uma forte impressão de que o amor mata, razão que o leva a ensaiar uma manobra obscurecedora. Quando uma idéia ou um acontecimento s carregados de forte valor erótico ou agressivo, ocorre uma espécie de distração, uma pausa no pensamento que permite desligar o afeto experimentado da representação que o motivou; em seguida, um gesto ritual, ato ou pensamento, anula o sentimento proibido. Exatamente como

um homem supersticioso pretendendo isolar a urucubaca. Aliás, a própria idéia de azar é obsessiva. Quando sinto que meu amor destrói o outro, devo substituir amor por raiva, que é menos perigosa; depois raiva por cuidados para protegê-lo, e a mim, dos efeitos dela. Mas como cada novo sentimento recobre um sentimento oposto, também o representa simbolicamente; resulta que em cada idéia ou emoção oculta-se, ameaçadora, a marquinha azarenta da destrutividade. Por conseguinte, enganado quanto ao fundamental, ignorando que os cuidados representam raiva e que a raiva representa um perigoso amor, o obsessivo, como aquele motorista equivocado, tem de olhar duas vezes cada idéia, repeti-la, examiná-la ao microscópio, para certificar-se que não entrou nela, sub-repticiamente, um sinal do afeto proibido. E é uma catação infindável, porque aquilo que ele procura entre as letrinhas miúdas constitui o papel mesmo em que o texto foi escrito... Daí provêm os sintomas obsessivos. Um jogo de esconde-esconde. Sob o cuidado, a agressão; sob a agressão, oculta, a sexualidade proibida. Então o paciente tem, de súbito, uma idéia horrível — matar uma criancinha, defecar na igreja etc. —, algo que mostra o gosto pela sujeira anal sob a mania de limpeza, a destrutividade sob os cuidados filantrópicos, a sexualidade (anal) sob um puritanismo desmedido. São pensamentos obsessivos: ele sente como se não fossem seus, vêm à força. preciso contra- atacá-los com rituais protetores: nomes-do-padre, bater em madeira, pensar ou dizer três vezes uma fórmula mágica, repetir um pequenino gesto. O contra-ataque não pode ser sustado, é compulsivo realizá-lo. Deve tomar banhos demoradíssimos, se a tendência à sujeira o domina; se quer envenenar a família, há de verificar cinco vezes se o gás está fechado.

Assim é a vida obsessiva. Meticulosa, filantrópica, boazinha, repetida, cheia de superstições racionalizadas. No fundo, o impulso anal que deve ficar oculto, sobretudo porque é um impulso amoroso sexual. O equívoco fundamental leva-o a uma auto-observação constante que, porém, escrutinando os detalhes, não enxerga o essencial. A vida do obsessivo é o rodopiar dum cão atrás da própria cauda, que ele suspeita, não sem razão, ser uma cobra atrás do ânus — cobra, símbolo da sexualidade e do veneno, do toque fascinante e mortal.

Pois bem, isso é a neurose. Ou antes, eis aqui uns pequenos esboços de dois quadros neuróticos característicos. Já chega, contudo, para compreender que neuroses são produto de conflitos pulsionais, em que a satisfação fica proibida pela censura do superego, desconectando-se então a representação prazerosa (geralmente sexual) do afeto correspondente, o qual é desviado para a constituição de sintomas. Isto é Freud. É uma teoria bastante tradicional e que provou ser utilíssima. E até verdadeira.

Para as outras doenças psíquicas, no entanto, as teorias psicanalíticas são menos categóricas. Há uma boa teoria geral das neuroses na Psicanálise; mas um paciente pode escolher, digamos, uma perversão, uma psicopatia, uma psicose.

Perversões e psicopatias são uma forma de enlouquecer sem ficar louco: louco fica quem tem de lidar com elas. Nas perversões, o sujeito realiza de fato o impulso proibido. Trate-se de um voyeur, de um sádico, de um comilão compulsivo ou de qualquer outra especialidade, o indivíduo põe em ação justamente aquilo que lhe está vedado pelo superego. Nas psicopatias dá-se algo parecido. O que está comprometido, porém, é a relação com a sociedade, o respeito e as inibições impostas pela vida em comunidade.

É uma solução prática. Em vez de reprimir o impulso, executo-o, anulando a instância repressora ... e danem-se os outros. Superficialmente ao menos, parece não haver angústia, os atos estão em sintonia com o ego, como se o superego estivesse ausente. Na verdade, este, o superego, é tão forte e tão exigente que toda a relação com ele se torna impossível. O resultado é que os atos psicopáticos e perversos acabam procurando sua punição não na vida interna, mas na externa. São pessoas que se fazem desprezar, que roubam, mas se deixam prender etc. O problema da psicopatia, já se vê, liga-se profundamente com a vida social. Nossa sociedade é um tanto psicopática e perversa. Somos estimulados a enriquecer por quaisquer meios, somos tentados ao consumo indiscriminado, se andamos na rua ou folheamos uma revista, convidam-nos ao voyeurismo. O sado-masoquismo está vigente no seio das instituições, o operário padrão será um masoquista, a polícia, sádica. Assim, nas perversões e psicopatias aparece, em nível pessoal, o retrato quase puro de certas instigações sociais, das que o neurótico foge por seus sintomas. Esse princípio do “deixar que saia tudo”, sem se importar muito com o meio, está ligado, teoricamente, à fase anal expulsiva — como vocês já devem ter suspeitado.

E há por fim as psicoses. Primeiro, a melancolia, que é um estado de luto permanente e exageradíssimo, e a mania, nome que se dá àquele quadro em que a depressão extrema é substituída subitamente por uma sensação de exaltação, de felicidade esfuziante. Ao melancólico, o superego cobre de insultos, acusando-o de ser o culpado pelas perdas de objetos, por mortes, por todo tipo de desgraças. O resultado é que o sujeito, identificado com o objeto perdido, passa a sentir-se alvo das desgraças todas, cuja responsabilidade o superego lhe atribui. Ele está arruinado, sua família morta, a sociedade o despreza. Tanta é a perseguição interna que, esgotado, pode dar uma volta de 180º, considerando-se vitorioso, vencendo o superego. Está cheio de amigos — que importa a perda sofrida —, nem

mesmo precisa de consideração externa, ele se basta, é bom, é ótimo. Seu pensamento voa, ao contrário do melancólico, que se arrasta, as idéias mal chegam a formar-se e já são ditas, o conteúdo é confuso e pueril, mas por que se preocupar? Ele sabe que é o melhor.

Psicanaliticamente falando, tanto a melancolia quanto a mania ligam-se, de diferentes modos, à fase oral e à posição depressiva kleiniana. Dá para ver. É sempre o problema de ter atacado objeto de amor, e se se o tem inteiro, perde-se inteiramente o que se tem.

Dentre as psicoses, há um último grupo que a Psicanálise tem estudado bastante, mas que compreenderemos melhor no último capítulo deste livro, o das psicoses em que predominam idéias e crenças muito estranhas, que fogem à compreensão comum, chamadas “delírios”. Há delírios nas melancolias — delírios de ruína, por exemplo —; há delírios nas psicoses epiléticas, causadas por distúrbios cerebrais mais ou menos conhecidos; alguém pode delirar por ter ingerido drogas ou por sofrer de alguma doença infecciosa. Contudo, as esquizofrenias e paranóias são as doenças onde melhor se pode reconhecer a atividade delirante. No fundo, é como se o delirante vivesse num mundo diferente do das outras pessoas, um mundo que está encoberto pela rotina do cotidiano. E isso é que tentaremos compreender no último capítulo.

Por ora, basta saber que essas psicoses repetem as primeiras experiências mentais da vida humana. O paciente retira seu interesse libidinal do mundo externo, volta-o para dentro de si, ou seja, regride em direção ao narcisismo dos primeiros meses de vida. É o narcisismo secundário. Como, porém, não consegue permanecer encerrado numa vida mental sem objetos emocionais, trata de recriá-los, reinventa o mundo, mas um mundo diverso do dos seus semelhantes. Vive grandes perseguições, sente-se engrandecido e famoso, é um herói, um rei, um deus. Todos o invejam e atacam. Ele controla as idéias alheias, mas os outros também controlam as suas, impõem-lhe sentimentos que não quer, dominam seus pensamentos, conhecem seus projetos mais escondidos. Justamente por se ter separado do mundo cotidiano, parece que o resultado é ter perdido a noção de distância entre o dentro e o fora — exatamente como uma criancinha ao nascer.

Essas psicoses relacionam-se, por conseguinte, com a primeira fase oral e com a posição esquizoparanóide de Melanie Klein. São reedições paralisadas da experiência de aprender a pensar.

Por fim, de nosso percurso pelo meio das doenças psíquicas, podemos verificar duas coisas. Primeiro, que há doenças, e que o termo “doença” até

que está aqui bem empregado. Segundo, que as doenças não diferem totalmente da vida mental chamada normal, continuam-na, exageram certas características, são, antes de tudo, como já vimos no começo, especializações indevidas. Logo, não é preciso ter medo de usar o termo doença, desde que se o faça sem preconceitos.

8 - A CURA PSICANALÍTICA

Se alguém nos procura para fazer análise, pode acontecer que sofra de uma das doenças descritas no capítulo precedente. Pode ser que não, que deseje conhecer-se melhor, que tenha o projeto de libertar-se, ou até que almeje se tornar um terapeuta. É importante conhecer as diferenças das expectativas, por motivos clínicos e diagnósticos, mas o processo de cura psicanalítica será, não obstante, sensivelmente parecido num caso ou no outro.

Análise é análise, e nossa idéia de cura não é assimilável à dos critérios médicos mais comuns. Estar curado significa para nós curar si mesmo, isto é, cuidar de seu desejo, atingir um estado semelhante ao de uma fruta madura ou de um queijo bem curado, no ponto. Os pontos variam, como para os queijos, de uma pessoa para outra, mas ainda assim é possível saber o que é estar curado: uma harmonia realizada das potencialidades características nos queijos, nas pessoas.

Por isso, e porque a análise começou como um tratamento de distúrbios neuróticos, o processo de cura psicanalítico pode ser descrito como o de uma história neurótica. Só que a história da neurose é a narrativa de como se formou um nó, e o de cura, a de como esse nó foi desfeito.

Seja um indivíduo mais ou menos normal, um neurótico ou certos pacientes psicóticos, sua vida compreende dois tempos. Há uma experiência cotidiana, que nos parece bastante corriqueira; mas, de repente, um olhar cruzado na rua, um encontro numa festa, um trabalho ou um sonho revelam algo assustador e estranho. Talvez seja uma paixão que nasce e morre no entrecruzar de olhares, pode ser uma angústia intolerável ao se ver sozinho, quem sabe uma dúvida incompreensível e fulminante. Pode ser qualquer coisa, porém será sempre uma diferença, um corte, como se outra vida estivesse a ser vivida no interior do cotidiano. E, em geral, o paciente quer curar-se dela, pois tem medo. O analista sabe, ao contrário, que deve conduzir seu cliente a curar-se dela — não a erradicá-la —, que tal estranheza é um começo de consciência e uma porta entreaberta que pede exploração. Mas mesmo assim aceita-o para tratamento.

É tal qual um calendário. Nossa vida é feita de dias pretos, iguais, de trabalho, algum prazer, um pouco de esperança; se somos neuróticos, haverá trabalho, um pouco menos de prazer e um certo desespero. Nada que chame a atenção. Porém, no meio dos dias em preto, na seqüência dos atos costumeiros, destacam-se os dias em vermelho, as festas religiosas e cívicas. Correspondem a celebrações bastante convencionais. A História celebrada nos feriados nacionais nada tem que ver com a verdadeira História do país; ou por outra, tem: é sua perfeita contrafação. Há um sentido convencional que se ensina às crianças na escola, onde sempre o herói é o do nosso lado, nossa é a causa justa, a lei e a justiça vencem. Os portugueses, nessa História, sempre enfrentam bravamente os batavos e covardemente massacram os heróis da Independência.

Ora, assim como os dias em vermelho celebram a História convencional da pátria, que oculta sua História real, os acontecimentos perturbadores, sintomas no meio do cotidiano, celebram a história convencional da neurose.

E como é ela? Quando Freud começou a estudar as neuroses, atribuiu-as a um trauma sexual, baseado nas histórias que suas pacientes lhe contavam. Esse trauma seria uma sedução, praticada por pessoa adulta com a criança que haveria de se tornar neurótica. Hoje pensamos que os traumas são pequenos, repetidos, mantendo entre si uma relação de homologia, ou semelhança formal.

É parte da história convencional atribuir tudo a uma sedução ou a outra catástrofe original. De qualquer modo, porém, o tempo da neurose celebra o trauma; os dias em vermelho repetem, de maneira convencional e muito reduzida, o modelo das situações que deram forma aos representantes pulsionais.

Pois o trauma é isso. Uma certa estrutura de relacionamento, mais do que fatos isolados, por fortes que sejam, conforma o desejo, cria um jeito especial de se arrumarem impulso e defesa. Em todos nós é assim. Só que em alguns setores da vida mental, e mais intensamente em certas pessoas, a forma do desejo semelha um nó. Não ata este setor aos outros setores da personalidade, nem se desata espontaneamente. Repete-se, ou melhor, é celebrado em episódios chamados sintomas.

Vindo à análise, o cliente fala de sua vida comum. Todavia, a interpretação do analista rompe o campo onde se assentava o tema comum, deixando surgir, no aqui e agora da sessão, a situação especial onde o desejo se mostra em seus nós traumáticos. No calendário da terapia analítica, todos os dias tendem a ser vermelhos. Há uma concentração das celebrações

neuróticas, vividas agora em relação ao analista. Só que, enquanto no dia-a-dia os sintomas são polidamente ignorados, na análise eles são tomados em consideração. Análise: deixar que surja e tomar em consideração.

Reproduz-se então de início a história convencional da neurose, essa em que o paciente crê, concentradamente, envolvendo o analista, naquilo a que chamamos “neurose transferencial”.

E de que serve tudo isso? Se fosse apenas uma celebração a mais, de nada serviria. Acontece, porém, que a celebração é acolhida, torna-se assunto, e é, em seguida, interpretada. Quando, pela interpretação, rompe-se o campo onde se apoiava a história convencional da neurose, algo de peculiar ocorre com a dupla terapêutica. O que era celebração isolada e sempre igual transforma-se em comemoração. Comemorar e recordar são as chaves da mudança. Rompido o campo da convenção neurótica a respeito da própria história, as situações traumáticas são convidadas a voltar do exílio convencional ao coração da mente (recordadas), isto é, são revividas emocionalmente em seu sentido profundo, e recordadas numa reedição partilhada com alguém, comemoradas (com memoradas). Tal como se pudéssemos reproduzir as situações mesmas que compuseram uma história, e não sua versão posterior, é possível agora elucidá-la, testá-la, pô-la em questão, tentando atingir seu sentido verdadeiro. Ou, a rigor, os muitos sentidos possíveis da história do paciente, que ele foi paulatinamente reduzindo a uma convenção.

Talvez o aspecto mais grave da convenção neurótica seja reduzir uma pessoa a ser apenas uma possibilidade dentre todas que estariam a seu alcance. O trabalho de recuperação da multiplicidade é o que se chama transferência; através dela, no campo transferencial, deixa-se que surjam e tomam-se em consideração as muitas pessoas que vivem em cada um. Pense de novo no calendário. Quando, lá pelos fins do século III, a festa de Natal foi antecipada de janeiro para 25 de dezembro, procurou-se cobrir, com a mudança, a celebração da festa pagã do solstício de inverno (no Hemisfério Norte). Acontece, porém, que mesmo essa festa parece ter sido celebrada em data equivocada. Por aí se vê como se acavalam as diferentes ordens de sentido, como as muitas crenças são achatadas na História oficial. Na história pessoal também.

Campo transferencial é o lugar onde convivem paciente e analista. Materialmente, eles estão numa sala. Sua comunicação, porém, é um complicado tecido de emoções que, apesar da violência, não carecem de sutileza e têm de ser pacientemente reconhecidas, desfiadas e

recosturadas. Pois o paciente neurótico sofre de uma restrição: ele é só isso que o nó traumático determina. Em outras palavras, o neurótico identificou-se com algo bem definido (não para ele, lógico), com essa história convencional que celebra nos sintomas.

Veja você. Se uma pessoa apenas usasse uma roupa, durante toda a vida, poderia dar a impressão de que seu corpo tem a forma da veste. Uma mulher com saia rodada pareceria ter as coxas em forma de sino. Uma identificação é isso: uma veste sobre o corpo do desejo. No entanto, diferentemente do corpo físico, que pode ser despido e revelar seus contornos, o corpo do desejo, o inconsciente, nunca é capaz de aparecer por si mesmo. Como seria alguém cujo corpo fosse invisível e impalpável, como se o conheceria? Resposta: mudando de roupa. Várias roupas, de corte diverso, sobre seu corpo determinariam traços comuns; eliminando as diferenças, portanto, teríamos uma idéia do que lhe é peculiar. A isso chamo desenhar o desenho do desejo.

O campo transferencial é aquele em que, com a ajuda do analista, uma pessoa pode experimentar várias roupas, isto é, descobrir diversas identificações. Quem só se enxerga vítima, verá também que é carrasco, espectador, amigo, amante etc. Que é muitos.

Isso é possível porque o analista vive as celebrações convencionais junto com seu cliente, comemora, decifra o sentido dos nós que o amarravam a uma só representação de si mesmo e mostra-lhe a quantidade de fantasias que sob ela se ocultavam. Em vez de uma fantasia dominante, o paciente pode ter muitas, muitas idéias que o representam. E mais. Aos poucos, ele vai assimilando o jogo do campo transferencial, vai adquirindo a capacidade de, por si só, experimentar vestes diferentes, de ter mobilidade de fantasias. Pois a regra do campo transferencial é que qualquer idéia que nele ocorra sofre ruptura de campo, perde o chão, e, como no exemplo anterior (da chuva), revela vários sentidos simultâneos.

De tanto experimentar identificações diferentes, então, o paciente começa a conhecer o que não muda sob elas. Seu desejo toma forma. Já não é necessário parar de viver o cotidiano para celebrar um acontecimento traumático. Não é propriamente que aquela identificação neurótica tenha desaparecido. As pessoas que procuram análise temem que se perca sua originalidade, pensam que serão reduzidas a uma espécie de ser médio, medíocre, ou que só viver para “cuidar de sua neurose”. Só um terapeuta muito incompetente estimularia tal redução. As identificações neuróticas são, bem ao contrário, integradas a muitas outras da vida comum, e a outras ainda que simplesmente não estavam antes disponíveis. Não é

preciso mais parar de viver uma vida cotidiana para entrar no tempo da neurose, nos dias vermelhos.

Se a pessoa pode se representar de muitos modos, se tem mobilidade de fantasias e se habita seu próprio desejo, o corpo invisível, a distinção entre dias pretos e vermelhos também cai. É como o historiador que conhece bem o passado de seu país. Ele não mais acredita que houve um passado heróico, sabe que mesmo os grandes feitos ocorreram no meio de coisas pequenas, entre o comer e o dormir, que os heróis não prescindiam de banheiro. O paciente que abandona sua fábula de origem encontra-se no seio dum drama, pode ver como o mundo comum é trágico, fabuloso, mágico e heróico, sem deixar de ser comum.

Pois como há muitos homens num só, também há muitos reais. Vimos como é diverso o real da saudade do da teimosia; veremos, no próximo capítulo, como é diferente o real autoritário. Há inúmeras condições do real. Na verdade, somos iludidos para crer que os dias da semana são iguais, justamente porque há os fins de semana. É o destino das diferenças. Toda a diferença se encontra no lazer de fim de semana, esvaziando os dias de trabalho de seu prazer. Talvez assim as fábricas produzam mais, porém, decerto, as pessoas são menos felizes.

A cura psicanalítica equivale, portanto, a integrar na personalidade algo como o campo transferencial, daí resultando que a pessoa não mais esteja aprisionada pela dualidade tempo da neurose-tempo do cotidiano. A análise do social deveria, por analogia, romper o campo que nos aprisiona entre trabalho e lazer, mandar e obedecer, produzir e consumir. É como se devêssemos voltar a viver em cores o que estava em preto e branco. Ou melhor, reconhecer que há inúmeros campos do real onde pensávamos haver uma realidade única.

Para tanto, há que imaginar um campo (um lugar de sentido) onde todos os ditos, idéias, sentimentos, ações etc. valessem apenas por terem o destino de sofrer ruptura de campo. Aí, nada tem sentido único, tudo vale por querer dizer outra coisa também. O também é importante. Não se perde, no processo analítico, o sentido original; este não é falso, é exclusivista, logo, neurótico. Nesse campo onde tudo vale como ruptura de campo, o próprio sentido neurótico, que antes era celebrado nos sintomas, também tem seu lugar — rompido seu campo, o da exclusividade ou nó, ele se integra a muitas outras formas que agora são vivíveis.

Ora, o campo onde tudo o que ocorre só vale como possibilidade de ruptura é, nada mais, nada menos, o Campo Psicanalítico ou campo transferencial. Tudo o que lá se diz vale como fantasia, serve para produzir outras idéias;

até a neurose, quando nele se dá (neurose de transferência), vale apenas para produzir outras formas de ser.

Mas não será um pouco egoísta ter essa experiência em caráter privado?, você me perguntará. Talvez, só que ainda não sabemos bem como generalizá-la — por enquanto, preservar o método dentro dos limites da relação bipessoal é muito melhor que nada. Entretanto, no último capítulo, pensaremos juntos um pouquinho em como se pode aplicar o Campo Psicanalítico para o conhecimento dos campos do social.

9 - A PSIQUE E OS CAMPOS DO REAL

A título de epílogo deste nosso passeiozinho pela Psicanálise, voltemos à frase inicial do primeiro capítulo: os homens são pessoas muito estranhas e até absurdas. Tudo o que vimos até aqui talvez o tenha convencido disso. Caso contrário, pense em como organizam seu mundo e compare isso com as explicações que encontram para tal organização.

Quando os sociólogos e os economistas procuram nos fazer entender a confusão em que vivemos, baseada em guerras de tiros e guerras comerciais, em exploração e dominação, e na produção enlouquecida de bens perfeitamente inúteis, responsabilizam os interesses discordantes dos grupos sociais pelo atual estado de coisas. E têm razão. Os interesses dos grupos, das classes, das nações, estão mesmo em conflito permanente.

Acontece, porém, que toda explicação sociológica inclui uma passagem pela Psicologia — e esta geralmente não se menciona, nem é sequer percebida. Neste caso, por exemplo, existe a suposição de que, se os grupos humanos lutam por interesses, é que cada um deles tenta defender o seu.

Esta já é uma afirmação psicológica. Se um homem, um grupo, uma classe ou país têm interesses, é óbvio que os defendam. É óbvio que sim, como é óbvio, para qualquer pessoa que olhe para cima, o fato de que o Sol gira em torno da Terra. Ou seja, é óbvio, mas é falso. A afirmação correta seria: se alguém tem interesses, luta por eles ou contra eles, de acordo com a orientação de seu desejo. O que se aplica a pessoas, grupos ou à humanidade em geral.

Se você se interessa pela Sociologia, portanto, aconselho-o a buscar descobrir quantas dessas afirmações psicológicas simplistas ocultam-se nos raciocínios mais bem construídos; creio que ficará atônito. (Na verdade, há também inúmeras afirmações sociológicas pueris ocultas nas teorias

psicológicas, mas este é outro problema.) Os sociólogos freqüentemente pensam que não estão a usar Psicologia, porém, cada vez que ligam um comportamento a uma causa qualquer, usam-na sem perceber, e o resultado é que a usam mal. Valem-se do senso comum, o que é um grave pecado.

Ora, a Psicanálise não pode e não deve fazer Sociologia, mas é capaz de mostrar algumas coisas que interessam aos estudiosos da sociedade. O objeto do estudo psicanalítico chama-se psique. Como vimos, a psique não é uma coisa que existe na cabeça do indivíduo nem na cabeça coletiva. Ela simplesmente não tem lugar material. Psique é o que produz sentido nas coisas humanas, sejam individuais ou coletivas. Um automóvel é fabricado numa linha de montagem, seu sentido é fabricado pela psique; a inflação, a guerra ou o nacionalismo são produzidos inteiramente por causas concretas, seu sentido é psique.

Sendo assim, estudar a psique não é um passa tempo, nem é egoísmo elitista de gente rica. Acontece apenas que só aos poucos começamos a tatear essa área obscura e complicada do universo humano. Claro que não só a Psicanálise o faz. A Antropologia e sobretudo a Filosofia, além de outras Ciências, também se interessam pelas raízes do sentido das coisas humanas. A Psicanálise tem seu quinhão, que pode ser grande, pois a psique é um ser muito estranho, como os homens. Aliás, é a psique a estranheza dos homens.

O motivo principal de se saber tão pouco a respeito da psique é que ela não pode ser compreendida. Nossa compreensão alcança justificar relações entre os vários comportamentos dos homens e sociedades; mas aos campos que as determinam, a psique, só se chega pela interpretação. A interpretação opera uma ruptura de campo que permite deixar surgir os sentidos psíquicos; depois, é tomá-los em consideração.

Veja um exemplo. Nós todos vivemos num reino a que chamamos realidade. Todavia, a realidade é produto duma espécie de acordo entre os homens, que necessitam de algo comum para poder falar. E, falando, acabam por criá-lo. Isso não significa a inexistência de objetos materiais: a materialidade das pedras e dos carros está aí, atropela-nos; mas, e sua realidade?

Penso que seja assim. Há muitos campos do real. Real — real humano, que é o único que conhecemos — é o mesmo que o desejo, mas visto no mundo. Trata-se dum conjunto de regras muito loucas, como as dos sonhos, das emoções, da psicopatologia, o real é onde se produz a experiência humana, uma espécie de chão sobre o qual vivemos. Vivemos

nele mas sem o enxergar. Há, felizmente, uma outra série de regras de bom-tom, a que chamo “rotina”, que se encarrega de organizar aquilo que pode ser visto sem ofender os olhos.

Nossa cegueira ao real é importante e até certo ponto benéfica. Permite-nos, entre outras coisas, pensar com lógica, falar, construir a civilização. Pois a lógica do real não é a mesma lógica da realidade. Esta é a organização dos produtos do pensamento, a maneira pela qual se ordenam e ligam as idéias, emoções, atos humanos. Já a lógica do real, embora esteja embrenhada no mundo, é da mesma ordem que a lógica da concepção, a que produz nossas idéias e atos, inconsciente e totalmente diversa. Por isso não se a compreende, apenas interpreta-se.

Então, os homens vivem num mundo absurdo sem o saber. Ótimo. Quando alguém toma contato de repente com o chão absurdo, sob o tapete da realidade cotidiana, fica louco. O delírio é exatamente isto. Um mergulho indevido no absurdo, que tem de ser depois retraduzido, em linguagem comum.

Há duas condições psicológicas para alguém chegar a ser delirante, ou para não o ser.

A primeira é a possibilidade de sentir-se fortemente o mesmo, através das várias mudanças de identificação que a vida traz. O mesmo ator em vários papéis.

A segunda condição decisiva consiste na capacidade maior ou menor de distinguir entre reais e possíveis. É possível que haja seres inteligentes entre as estrelas, é menos possível que já tenhamos entrado em contato e menos ainda que meu vizinho seja um deles, por mais que pareça. Porém, se a distinção entre o que é e o que é possível se desfaz, posso transformar o fato de que muitas coisas não são o que parecem na certeza delirante de ser eu mesmo um extraterreno. Só que, para isso, é necessário também que o sentido de permanecer o mesmo, condição anterior, esteja também prejudicado — caso contrário, sempre haverá a noção de ser alguém que pensa ser marciano, o que invalida o bom delírio.

Ora, se eu me perco com certa facilidade nas mudanças de condição que a vida obriga e não consigo discriminar bem a hierarquia dos possíveis, pode acontecer que um súbito desvio da linha de vida faça colar-se a mim uma identificação nova, tomada agora por mim como se fosse uma nova identidade total. Só que tal identidade há de corresponder a meu próprio desejo para ter eficiência, sendo assim um mergulho profundo na ordem absurda do mundo. Depois disso, porém, haverá um esforço para reconstituir o mundo rotineiro, para explicar as coisas incríveis, para me

acertar com os outros homens. Talvez por causa disso o louco que delira seja um narrador compulsivo. Ele precisa traduzir sua experiência absurda para si mesmo, em primeiro lugar, para a lógica e para as imagens da vida cotidiana.

Por duas razões incluo o delírio entre os campos do real. Inicialmente, porque nossa dificuldade geral de ter uma compreensão psicanalítica tão boa dele quanto das neuroses, por exemplo, deve-se quem sabe ao fato de ser o delírio um contato indevido com o solo da vida humana rotineira. E os estudos psicanalíticos da constituição do real humano apenas se iniciam. Depois, não é só o indivíduo que pode delirar. Há formas sociais bastante equivalentes à dos delírios individuais para que os possamos comparar. (Afinal, a psique não é individual nem social, em si mesma.)

O processo autoritário é uma de tais formas. Pode ocorrer num país ou numa casa, numa escola ou num grupo de amigos. Como reconhecê-lo? Fácil, você dirá, se alguém manda pela força, a gente fica sabendo. Bem, você está certo pela metade. O uso de algum tipo de força para constranger a obediência alheia é evidentemente parte do processo autoritário. Mas há algo mais característico.

Um estudo psicanalítico do processo autoritário mostra que, havendo ou não uso de força, ele se define melhor por sua relação com a verdade. No autoritarismo, existe um descrédito profundo pelo conhecimento. É como se todas as coisas que se diz pudessem ser ou não verdadeiras, por que, supõe-se, nada é certo, nem se pode conhecer. Ora, se tudo pode ser ou não, é possível afirmar uma idéia qualquer como sendo a única correta, desde que se tenha meios para sustentá-la. O grupo dominante afirma como verdadeira e única a idéia que lhe parece; e, quando se defronta com alguma oposição, não a atribui a outra maneira de ver os fatos, mas a uma intenção maligna e pérfida de quem a sustenta. Dessa maneira, os fatos deixam de ser o que são, não contêm uma solidez implícita; enquanto que as idéias tornam-se espessas, pesadas como fatos: não exprimem uma verdade, são uma espécie de sintoma de intenções ocultas.

O autoritarismo, pois, funda-se num apego apaixonado à mentira como sistema. Resulta que suas histórias não necessitem apoiar-se na experiência concreta: constituem uma espécie de delírio, portanto. Um delírio coletivo, que leva a todo tipo de atrocidades.

Quando, porém, o processo autoritário domina totalmente um grupo, vai-se tornando paulatinamente impossível pensar e argumentar. Se a cada objeção que faço a uma dada idéia, respondem-me que a faço porque sou mau — e não porque penso diferente —, depois de certo tempo já não

encontro caminho para pensar e dizer. Pode suceder então que grupos inteiros de indivíduos, sociedades ou partes delas, passem a confiar inteiramente na força da ação.

Contra o regime autoritário, volta-se então uma espécie de regime de ação pura (ou “regime do atentado”, como prefiro chamar), que já não é um sistema organizado por idéias mentirosas, mas por ausência de idéias. Sendo impossível pensar, a comunicação dá-se quase que só pela via de atos concretos e símbolos materiais convencionados. Por exemplo, para saber que estou alegre devo beber um uísque, ou para sentir-me livre devo matar alguém. Novamente, como você pode ver, trata-se do equivalente duma loucura pessoal —, no caso, uma “psicose de ação” — no seio dos campos do social.

E isso vai só como exemplo. A Psicanálise dos campos do social deverá revelar muito mais ampla mente a forma da psique humana. Sempre seguindo o mesmo procedimento: ruptura de campo, que deixa à mostra o absurdo do que parecia costumeiro. Seja com uma pessoa, seja com um acontecimento social, o absurdo nada mais é que a presença da psique humana, que sempre se esconde por trás de seus produtos. O absurdo é o mais humano do homem, quando tem a oportunidade de mostrar-se. A Psicanálise, exibindo-o, serve então à sociedade, convidando-a a enxergar-se tal como é, ainda que ela se assuste com isso.

10 – INDICAÇÕES PARA LEITURA

Provavelmente, a melhor introdução à Psicanálise continue sendo a obra de Freud. Desta obra complexa, creio que vale a pena, inicialmente, ler as “Conferências Introdutórias”, curso que Freud preparou para um público leigo (em 1917, continuadas, em 32, com as “Novas Conferências Introdutórias”). Além delas, sugiro que se estude um dos casos clínicos de Freud, o “Caso Dora” ou o do “Homem dos Lobos”, por exemplo (a edição “Standart” das obras completas de Freud foi publicada em português pela Ed. Imago). São claros, extraordinariamente bem escritos e com um sabor quase detetivesco. Aos poucos você lerá, se isso lhe interessar, os trabalhos teóricos principais, mas sugiro que aí conte com a ajuda de alguma pessoa que o oriente.

Quanto à obra de Melanie Klein, uma introdução pequena encontra-se em Hanna Segall, Introdução à obra de Melanie Klein Comp. Ed. Nacional, 1966. Depois, será procurar seus escritos traduzidos, mas sempre com orientação. O mesmo vale para todos os outros grandes psicanalistas:

Abraham, Lacan, Bion, Winnicott etc. etc. Comece com Freud, se se fascinar procure orientação de leitura: a Psicanálise é um tanto complicada — desconfie de manuais, e não use este livrinho como um manual, que ele não o é.

ÍNDICE

— O momento da psicanálise
— O método da psicanálise
— O inconsciente
— O aparelho psíquico
— A sexualidade 1
—A sexualidade 2
— Psicopatologia
— A cura psicanalítica
— A psique e os campos do real
— Indicações para Leitura